



ANTOLOGIA **READON** PORTUGAL 2023



readon.portugal@mail-rbe.org



www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html

Ilustração da Capa:

GABRIELLY SILVAIRIS REBELO

LARA SILVA

LEONOR DIOGO

LUANA FONSECA

MARIA FRANCISCA CARDOSO

ANTOLOGIA

READ ON

P O R T U G A L

2023



REDE DE
BIBLIOTECAS
ESCOLARES

Título:

Antologia READ ON 2023

Edição:

Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté

Autores:

**ANA CRISTINA SILVA
ANA MARGARIDA CARVALHO
FILIPA MARTINS
INÊS BARATA RAPOSO
NUNO MATOS VALENTE**

Ilustração da Capa:

**GABRIELLY SILVAIRIS REBELO
LARA SILVA
LEONOR DIOGO
LUANA FONSECA
MARIA FRANCISCA CARDOSO**

Criação, Paginação e Impressão

CDC - Código de Cores, Design e Produção, Lda.

Data da Publicação

Junho 2023

ISBN n.º:

978-989-54995-4-0



O projeto READ ON - Reading for Enjoyment, Achievement and Development of yOuNg people teve o seu início no âmbito do Programa Europa Criativa, da União Europeia, em 2017. O Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté (AECG) foi o parceiro português deste projeto, cuja implementação a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) apoiou. Findo o tempo de financiamento internacional, a RBE e o AECG decidiram continuar a fomentar, em parceria, algumas das atividades READ ON bem-sucedidas, nascendo assim o projeto READ ON Portugal [<https://www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal-Antologia.html>].

Trata-se de uma ação que aposta na relação dos jovens com a leitura, promovendo múltiplas propostas de trabalho junto dos entre os 12 e os 19 anos dos Agrupamentos de Escolas/Escolas não Agrupadas.

Uma das iniciativas previstas neste projeto inclui a criação de antologias colaborativas, colocando os jovens dos 15 aos 19 anos (ensino secundário e ensino profissional) na função de produtores de texto narrativo, com a intervenção de autores de literatura portuguesa contemporânea, convidados para mediar o ato criativo, em sessões online e/ou presenciais, com alunos e professores, numa interação que resulta na criação de contos breves.

A presente Antologia READ ON Portugal 2023 constitui-se, portanto, como o resultado deste ímpeto criativo em torno da palavra e da reflexão, tendo sido selecionadas, através de processo de candidatura em linha efetuada na página do projeto, 7 escolas secundárias de vários concelhos do país: Almada [ES Fernão Mendes Pinto, ES Cacilhas Tejo, EBS Professor Ruy Luís Gomes e ES Emídio Navarro]; Coimbra [ES Infanta D. Maria]; Mealhada [ES da Mealhada]; Viseu [ES de Santa Comba Dão]. Para a mediação e aperfeiçoamento de texto foram convidados 5 autores: Ana Cristina Silva, Ana Margarida Carvalho, Filipa Martins, Inês Barata Raposo e Nuno Matos Valente.

Fazendo jus ao conceito, uma antologia resulta da compilação de obras ou excertos que os estudantes devem ler e, nesta perspetiva, os autores dos contos oferecem uma oportunidade de leitura a um público mais alargado, difundindo o produto desta experiência numa publicação, a disponibilizar também em formato digital, nas páginas web da RBE: READ ON Portugal e do Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté. À escrita acrescentou-se a ilustração de algumas páginas, uma duplicidade de expressões que contribui para a reflexão do leitor. Em consonância com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, e com o intuito de poder contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas e solidárias, o tema sugerido para o texto para a presente edição foi Eu, cidadão. O resultado constitui-se num percurso de 5 narrativas, com nuances temáticas, que abordam esta dimensão numa diversidade de estilos de escrita que ora nos surpreendem, ora nos emocionam.

É esta beleza desigual que vos convidamos a ler!

Envia-nos o feedback da tua leitura para o endereço de correio eletrónico: readon.portugal@mail-rbe.org

Junho 2023

ÍNDICE

FAMINTOS <i>ANA CRISTINA SILVA</i>	7
OLHOS QUE NÃO VEEM, CORAÇÃO RESENTE-SE <i>ANA MARGARIDA DE CARVALHO</i>	19
O OUTRO - CADÁVER ESQUISITO <i>FILIPA MARTINS</i>	35
UMA QUESTÃO DE PERSPETIVA <i>INÊS BARATA RAPOSO</i>	59
OS UNIVERSOS PARALELOS <i>NUNO MATOS VALENTE</i>	73

Ana Cristina Silva nasceu em Lisboa e é docente universitária no ISPA-IU. Publicou até ao momento quinze romances

Mariana, Todas as Cartas (2002)

A Mulher Transparente (2003)

Bela (2005)

À Meia-luz (2006)

As Fogueiras da Inquisição (2008)

A Dama Negra da Ilha dos Escravos (2009)

Crónica do Rei-Poeta Al-Mu'Tamid (2010)

Cartas Vermelhas (2011, *selecionado como Livro do Ano pelo jornal Expresso e finalista do Prémio Literário Fernando Namora*)

O Rei do Monte Brasil (2012, *finalista do Prémio SPA/RTP e do Prémio Literário Fernando Namora, e vencedor do prémio Urbano Tavares Rodrigues*)

A Segunda Morte de Anna Karénina (2013), *finalista do Prémio Literário Fernando Namora 2013*

A noite não é eterna, (2016) *vencedor do prémio Fernando Namora*

Salvação (2017)

As longas noites de Caxias (2019)

Rimbaud (2020), *semi-finalista do prémio Oceanos*

À procura da Manhã Clara (2022)

FAMINTOS

Naquele dia, José Alberto Mendes da Costa foi levado pela PIDE.

Na véspera, tinha recebido o embrulho com os livros proibidos. Nunca qualquer receio vivera nos dez anos em que tinha contribuído para o livre pensamento e a divulgação de ideias antirregime, porém, aquele embrulho provocara-lhe uma reação estranha, visceral mesmo. De imediato sentiu o sangue a fluir à cabeça, o batimento acelerado do coração e as mãos a transpirar.

Sabia que tinha de esconder aqueles livros, pois facilmente o levariam à polícia para interrogatório. Foi em direção ao pequeno arrumo ao fundo da loja. Aí guardava habitualmente os jornais e as revistas que não se vendiam. Arrastou a velha mesa de pinho, enrolou o tapete e levantou o pequeno alçapão. Desembrulhou os livros, separou-os delicadamente como se fossem uma peça de cerâmica frágil que um delicado manuseamento exigia. Vagarosamente pegou num deles e olhou para a capa. O título destacava-se com as letras capitais e as suas reticências cor de vinho. *Famintos...*

Tinha finalmente o romance censurado de Cármen de Figueiredo, na sua primeira edição da Editorial Domingos Barreira. Apesar do nome da escritora não estar referenciado nos ficheiros da polícia política, a obra tinha sido censurada e estava registada no arquivo do Secretariado Nacional de Informação.

O enredo era ousado! Ousado pela denúncia das condições miseráveis em que os trabalhadores viviam. Ousado pela denúncia da pobreza. Mas mais ousado ainda pelo erotismo das relações amorosas. Motivo este último suficiente para o relatório dos Serviços de Censura referir o romance como um relato de “casos amorais e até amores incestuosos, com descrição de imoralidades doentias e obscenidades várias como poderá verificar-se pela leitura das passagens constantes das páginas...”.

Abriu o livro. Retirou cuidadosamente os óculos do bolso do casaco. Sentiu um tremor estranho a percorrer-lhe o corpo. Pousou devagar os olhos numa palavra. Pasmou. "Carnal, carnal, carnal!" – disse repetidamente. A palavra era crua em todo o seu esplendor. Levantou o olhar, pois um temor momentâneo tomara conta dele. E se estivesse a ser vigiado? Não podia descontrolar-se tanto. A respiração normalizou aos poucos e serenou.

Baixou os olhos com receio de não mais encontrar a palavra. Mas ela ali continuava com todas as suas letras. Voltou a lê-la, a balbuciar as suas sílabas como se, só por si, a palavra fosse fonte de prazer. E devorou a frase a uma velocidade estonteante, sentindo ao mesmo tempo o prazer do proibido e da resistência. Depois, para se certificar do que havia lido, de forma mansa silabou: "Se do contacto carnal renascera a mulher, fechada durante anos na torre numa indiferença apavorante, constrangedora, agora, no crescimento desse fruto do seu amor, ela sentia como que uma vaga de nostalgia a subvertê-la de novo".

– "Sublime! Puramente sublime!" – repetiu.

Devorado pela energia que subitamente dele se tinha apoderado, quis mais. Folheou e deteve-se na página quarenta onde leu "bebedeiras consecutivas, que transforma um homem em farrapo alucinado, apodrecido o sangue e nervos descontrolados – elementos principais da degenerescência da loucura e do crime, pobres e miseráveis elementos, carregados para mais de perigosas taras ancestrais, que infelizmente continuam a enodoar as sociedades, – só esses, rodiões espúrios que negam a família, atascadas as almas vis em álcool peçonhento, após a ceia saía, encafuando-se nas tabernas, donde mais tarde, peça horta-morta rolavam aos tropeções, vomitando injúrias desconexas".

E de repente fechou o livro. A porta da livraria abriu-se. Sem tempo para voltar a embrulhar os livros, José Alberto atirou-os para dentro do alçapão que fechou sem fazer barulho, e, de forma precipitada, desenrolou o tapete por cima do pequeno esconderijo.

Ainda mal recomposto do momento vivido, cumprimentou o Doutor José Almeida da Silva, seu cliente habitual que vinha comprar o jornal.

- “Então senhor Doutor, o mesmo de sempre?” – perguntou.
- “Sim, claro. A ver o que nos diz o Diário de Coimbra.” – retorquiu o outro.
- “Ora aqui tem, Senhor Doutor.” – disse apressadamente o livreiro.

E entregou-lhe o jornal.

- “Ora vejamos, vejamos como está o país...”

E começou a ler a notícia da primeira página.

- “Amanhã, em Coimbra, no Teatro Avenida, será feita a apresentação dos candidatos a deputados da cidade pela União Nacional, no âmbito das eleições legislativas a realizar em 7 de Novembro”.

E antes de sair acrescentou:

- “Lá estaremos, meu caro José Alberto, lá estaremos...”.

Mas o livreiro não estaria. Às duas da manhã, bateram-lhe à porta. O sobressalto estendeu-se a todas as fibras do corpo ao ouvir as batidas. Apesar da ansiedade, levantou-se sem fazer ruído e abriu ligeiramente as cortinas da janela. Ao olhar para a rua deparou-se com um grupo de agentes da PIDE. Com as pernas bamboleantes e as mãos muito suadas desceu as escadas. Quando abriu, levou uma forte pancada na cabeça.

Acordou às sete da manhã e estava nas instalações da Antero de Quental, no número 125. As longas horas de espera até ser interrogado foram aterradoras, ecoando gritos por todo o lado. Os seus pensamentos haviam-se instalado no medo e o temor marcava a passagem das horas. Pensava na sua mãe e nos camaradas, receando não sair dali vivo. Conhecia relatos de presos políticos que não tinham sobrevivido. O seu principal temor era o de involuntariamente denunciar o grupo FOLIO. Permanecer silencioso e sereno durante o interrogatório era a personagem que sentia necessidade de encarnar.

Só começou a ser interrogado às dez da noite. A sala não tinha qualquer janela

e os quatro agentes da Pide deslocavam-se na penumbra. Sem lhe fazerem qualquer pergunta, espancaram-no. Um brutamontes disse-lhe que só sairia dali dentro de um caixão! Minutos depois desmaiou.

No dia seguinte, acordou com a entrada de outros dois agentes, um de grande porte, que devia andar pelos seus sessenta anos, e um outro bem mais novo que exibia uma descomunal barriga, demasiado desproporcional para a sua altura. Fumavam os dois o seu cigarro. Cheio de hematomas e desfigurado, arrastaram o livreiro, obrigando-o a ficar de pé, como uma estátua pálida.

De vez em quando o pequeno repetia: – “Vais falar não tarda nada! Vais dizer-nos toda a verdade num abrir e fechar de olhos, mas primeiro fazes de Cristo!”

E assim ficou algumas horas. Os pés inchados e as dores de cabeça lancinantes acorrentavam José Alberto a um corpo pesado e insuportável de aguentar. Sempre que baixava os braços era brutalmente agredido pelos pides.

Quando recomeçaram o interrogatório, o livreiro tinha perdido a noção do tempo. Sabia, no entanto, que tudo faria para não denunciar o grupo FOLIO.

- Identifique-se! – vociferou o pide pequeno, enquanto gatafunhava uma folha de linhas.
- José... – disse com dificuldades na respiração.
- FALE MAIS ALTO!
- José Alberto... Mendes da Costa – respondeu com grande esforço.
- Morada!
- Rua Carolina Michaelis, 78 C, 1.º andar.
- Idade?
- 47.
- Sabemos que anda por aí a espalhar imoralidades, comportamentos obscenos e ideias falsas sobre o regime. O que tem a dizer sobre isto?
- Não sei do que...

Sem ter tido tempo para terminar a frase, um violento soco atingiu-lhe o queixo.

- E agora, já te lembras? – perguntou-lhe o outro.

O livreiro levantou a cabeça e voltou a desmaiar, mas por pouco tempo, pois a água fria do balde acordou-o. À força, foi atirado para uma carrinha e durante várias horas sentiu que estava a ser levado para outro sítio. Acreditava que este seria bem pior.

No chão da carrinha, contorceu-se. Há dois dias que não comia. Por momentos, chegaram-lhe as recordações da sua adolescência no seminário. Recordou os odores do refeitório e o cheiro da sopa que religiosamente era servida ao almoço e ao jantar. Sempre a mesma água com farinha, sempre o mesmo vômito. Mas naquele momento, à semelhança de Esaú, teve vontade de tudo dar por uma sopa.

E depois chegaram-lhe outras memórias da juventude... O primeiro dia no seminário. A dolorosa separação da mãe. E de forma quase imediata repetiu as palavras que durante anos recitou maquinalmente: piedade, disciplina, modéstia e aplicação nos estudos, princípios fundamentais para a formação de um sacerdote. Naquela altura, a submissão e a obediência pareciam-lhe naturais. Depois das orações, dedicava-se ao estudo. E foi a disciplina de História que o despertou para a leitura. Lembrou-se saudosamente do dia em que o padre Alcides lhe disse que de tanto ler tinha os olhos gastos. A partir daí, nunca mais deixou de usar óculos. Empenhava-se com afinco nas disciplinas de Música e de Canto Coral. Participava nos cânticos da igreja e nas leituras espirituais durante as refeições. Ainda não imaginava a volta que a sua vida iria dar.

A sua dedicação ao estudo foi notada, e a recompensa chegou quando foi ordenado padre. Aceitou o convite para ser professor de História no seminário maior. E durante dez anos, a sua vida prosseguiu sem sobressaltos.

Certo dia, um telegrama da mãe anunciou-lhe a morte de um tio afastado. Esse tio vivera a sua vida no Brasil para onde tinha fugido devido às suas convicções anarquistas. Vinha a informação de que a sua ajuda era necessária. Uma vez em casa, a mãe disse-lhe:

– Meu filho, o teu tio queria muito ser enterrado aqui no cemitério da aldeia, e

por isso tens de o ir buscar para lhe fazermos a última vontade.

– Mas como, se não temos dinheiro?

– O teu tio deixou algum dinheiro para cumprirmos essa vontade.

Apesar de contrariado, não conseguiu negar o pedido. Nunca havia saído do país e uma viagem tão longa era uma aventura.

Já no Rio, no bairro do Engenho Velho, José Alberto bateu à porta do número 64 de uma velha casa ao estilo português. Uma senhora abriu-lhe a porta. Depois de se apresentar, foi conduzido para uma sala onde lhe foi servido um capilé. À sua volta, centenas de livros forravam as paredes. E de repente, compreendeu que a sua estadia no Brasil seria curta para os ler a todos. Durante várias semanas distribuía as suas manhãs pela burocracia da transladação e as tardes pela biblioteca do tio. E devorou tudo o que o que pôde! Com a leitura crescia dentro de si um mundo novo e um sentido de revolta para a ordem desse mundo. Conheceu as obras de Jorge Amado: Mar Morto, Capitães de Areia, Gabriela, Cravo e Canela e a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Numa noite, decorou o pequeno poema "Iniciação amorosa". Nessa noite nem dormiu. Como uma oração repetiu incansavelmente os versos.

A rede entre duas mangueiras

balançava no mundo profundo.

O dia era quente, sem vento.

O sol lá em cima,

as folhas no meio,

o dia era quente.

E como eu não tinha nada que fazer vivia namorando as pernas morenas da lavadeira.

Um dia ela veio para a rede,

se enroscou nos meus braços,

me deu um abraço,

me deu as maminhas

que eram só minhas.

*A rede virou,
o mundo afundou.*

*Depois fui para a cama
febre 40 graus febre.*

Uma lavadeira imensa, com duas tetas imensas, girava no espaço verde.

De regresso a Portugal, não trazia apenas o pesado caixão chumbado, mas também alguns dos livros que nele despertaram um novo desejo pela vida na sua animalidade recalçada. Nunca mais foi o mesmo. A decisão estava tomada. Enfrentou com paciência e determinação todo o processo canónico até à sua dispensa emitida pelo Papa. E tornou-se livreiro de profissão.

A herança do tio deu-lhe a possibilidade de comprar um pequeno espaço comercial. Em pouco tempo criou amizades com alguns intelectuais da cidade. Os livros eram o mote para pequenas conversas com os clientes. Alguns, proporcionavam acesos debates, e, no pequeno arrumo da livraria, depois das horas de fecho, começou a juntar companheiros amantes da leitura. As discussões tornaram-se cada vez mais frequentes e os livros cada vez mais ousados. Certa noite, sugeriu que aquelas reuniões proibidas ganhassem maior protagonismo e criou um regulamento. Nascia assim o grupo FOLIO e a sua luta contra a repressão do Estado. De entre os livros proibidos pela Biblioteca da Censura, fazia clandestinamente circular Soeiro Pereira Gomes, Vergílio Ferreira ou Natália Correia. Mas também José Vilhena, que apesar de demasiado pornográfico para alguns, era lido pela calada. Mas foram as leituras de Henry Miller e de Marquês de Sade que, depois de tantos anos de renúncia e castidade, fecharam o círculo das letras que começara no Rio...

Regressou à realidade quando a carrinha subitamente parou. A porta abriu-se, e foi puxado para dentro de um edifício que percebeu ser a prisão de Caxias. Depois de um hall onde se amontoavam dezenas de caixas, foi levado

para uma pequena sala onde algum material médico estava pousado em cima de uma mesa de metal. Um homem de bata branca entrou e sem dizer palavra preparou uma injeção. Num dos cantos da sala, viu surgir um vulto. E depois outro e outro. Mais de vinte agentes encheram a sala. Todos se riram, e um deles comentou:

– O teu amigo também não falava, levou com o soro da verdade e ficou que nem um anjinho.

Apesar de atordoado, o livreiro não deixou de se perguntar de que amigo estaria a falar. Teria sido denunciado por algum dos seus companheiros? Teria sido um cliente? Amigo, mas que amigo? Não teve tempo para mais questões. Sentaram-no numa cadeira. O homem de bata branca levantou-lhe a manga da camisa e espetou-lhe uma agulha no braço. De imediato teve consciência que era o soro da verdade.

Horas depois foi interrogado por um inspetor da prisão. Como um falso amigo perguntou:

– Caro amigo, conta-me algumas coisas sobre ti. Tens filhos? Mulher?

Sem forças para responder o livreiro manteve-se calado apenas abanando a cabeça para dizer que não.

– Se não falares, vais ficar aqui seis meses ao nosso dispor. E mais seis se for preciso! Vamos arrancar-te a alma! – vociferou e depois afastou-se para acender um cigarro. Cuspiu e sentou-se.

O silêncio foi a única resposta do livreiro. José Alberto foi levado horas depois para uma cela de isolamento, onde um pido o revistou meticulosamente. Tirou-lhe os óculos e o cinto. Cortaram-lhe o cabelo. Sem relógio, perdeu a noção do tempo. Sem os óculos, pouco distinguia à sua frente.

A cela era minúscula. Tinha pouco mais de quatro por três metros, com um pequeno armário na parede, uma cama metálica e uma janela sobre a cama por onde os guardas espreitavam o seu sono. As refeições eram dadas à porta. O contacto com os carcereiros era quase inexistente. Não ver nem falar com

peessoas fazia-o penetrar num mundo insondável onde tantas as vezes a boca e a língua ficavam a meio de formar uma palavra para alguém, porventura um qualquer fantasma. De vez em quando tinha a visita de um pido que lhe revistava a cela e lhe deixava uma folha de papel e um lápis para escrever ao Diretor se o desejasse. Certo dia, sem saber ao certo a razão, pegou no lápis e fez o pedido para ser ouvido.

No dia 12, à hora de jantar, abriu-se a porta da cela. José Alberto foi levado para uma sala onde o diretor da prisão e um escrivão o aguardavam.

– Aproxima-te. – disse o diretor.

José Alberto avançou com receio, mas a ordem dada tinha de ser cumprida.

– Então, tens tido notícias da tua mãe?

José Alberto maneou a cabeça para dizer que não.

– Olha, estou disposto a despachar o assunto. Basta que me confirmes quem te entregava os livros e voltas ainda esta noite para casa.

O livreiro sentiu a boca seca e o corpo todo a temer. Teve a força para dizer que nada sabia do que estava a ser acusado.

– Uma noite sem dormir custa pouco, mas quatro ou cinco será bem pior, não? Foi um gajo do Partido? O que é que foste fazer ao Brasil? – perguntou o Diretor.

Desta vez ninguém lhe bateu. Permaneceu em pé, umas vezes de braços estendidos, outras vezes não. Os pés rapidamente começaram a inchar, e as dores percorreram-lhe todo o corpo. Depois de algumas horas, estoirado, caiu. Teve a sensação de não estar já naquela sala. Via coisas absurdas e acreditou que as via. Perdeu os sentidos.

Quando acordou, o interrogatório prosseguiu. Acabou por falar. Disse o que os inspetores queriam ouvir. Que pertencia a um grupo, que lia o que não devia. Não identificou o fornecedor, pois ele próprio também não o conhecia. Quem lhe

vendia os livros não era quem lhos entregava. Os inspetores perceberam que não havia Partido nenhum. A culpa da denúncia fê-lo passar os meses seguintes num caos de angústia. Quantos teriam sido presos por causa dele?

Um belo dia, sem lhe darem qualquer justificação, deixaram-no sair em liberdade. Estava falido, sem amigos e sem destino. Vendeu o que tinha, despediu-se da mãe e emigrou para o Brasil.

Lá, a ditadura já se tinha instalado, mas ele ainda não sabia.

ESCOLA SECUNDÁRIA DA MEALHADA

Docentes

Júlia Maria Correia Laiginhas de Almeida Gomes - *Docente da disciplina*
Pedro Miguel Soares Gomes Semedo - *PB*
Amélia Conceição Neves Santos - *PB*
Helena Duque - *Coordenadora Interconcelhia*

Os alunos, por ordem alfabética, do 10.º B1

Ana Rita Cardoso Ferreira
André da Silva Pires
André Manuel Simões Bernardes
Axel Roseiro Marques
Daniel Ferreira Monteiro
Diana Oliyar
Dinis Alexandre Capitão Santos
Dinis Yurchuk
João Guilherme Venâncio Rodrigues
Mafalda Caniceiro de Melo
Maria de Castro Martins
Marta Ferreira Batista Rodrigues Lopes
Marta Jorge Castela Simões
Martim André Bem-Haja Cabral
Martim Pires Rodrigues
Matheus Pessoa de Araújo
Rafael Soares Oliveira
Rodrigo da Silva Simões Mendonça
Vicente Lucas Gouveia Alegre Cordeiro Ramos

Ana Margarida de Carvalho nasceu em Lisboa, onde se licenciou em Direito e exerceu jornalismo durante 25 anos. Exerceu o cargo de editora de Sociedade, de Grande- Repórter, fez crítica de Cinema, Crónica Semanal, fundou e geriu o site de Cinema Final Cut. Foi, por diversas vezes, jurada de concursos do ICA. Três dos seus guiões foram financiados pelos ICA.

O seu romance de estreia *Que Importa a Fúria do Mar (Teorema)*, recebeu o elogio da crítica, foi finalista de vários prémios e conquistou por unanimidade o Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB2013.

O segundo romance, *Não Se Pode Morar nos Olhos de um Gato* foi finalista do prémio Oceanos, venceu o Prémio Literário Manuel de Boaventura e, de novo, o Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB 2016, entrando assim no grupo estrito de autores portugueses duplamente distinguidos. *Pequenos Delírios Domésticos*(Relógio d'Água, 2017), colectânea de contos, venceu também o Prémio de Conto e Novela Camilo Castelo Branco/ APE.

O Gesto que Fazemos para Proteger a Cabeça é o seu mais recente romance, shortlisted para o Prémio Oceanos. E *Cartografias de Lugares Mal Situados*, colectânea de contos sobre guerra, foi publicado em Julho 2021 e nomeado para o Prémio Pen Clube.

OLHOS QUE NÃO VEEM, CORAÇÃO RESENTE-SE

- Acorda Kiara! - grita Miguel.

A amiga assusta-se ao ver que está atrasada, levanta-se num instante e sai do quarto toda despenteada. Miguel, sentado no sofá da sala, ao vê-la abandonar a casa de banho avisa-a:

- Lembra-te de que hoje tens que tomar uma decisão muito importante.

- Ah! Pois é! Hoje vou encontrar-me...

- Com o Ramir, acrescentou Zuri, toda sorridente.

Kiara tira as roupas do armário apressadamente. Desde que se mudou para a casa da avó materna, não teve tempo nem coragem de se livrar dos móveis e objetos. Os amigos remodelaram os seus quartos à sua vontade, mas Kiara não, pois aqueles objetos antigos traziam-lhe as memórias e o aconchego da avó.

Já despachada, dirige-se à cozinha, lançando um olhar de súplica a Zuri. Esta capta a mensagem e pergunta-lhe:

- Queres boleia?

- Já que insistes... - responde Kiara, irónica.

A amiga pega-lhe no braço e arrasta-a para fora de casa em direção ao carro. Junto à porta, Zuri nota que Kiara está com o olhar fixo nela.

- Se te der boleia, o que recebo em troca? - pergunta Zuri.

- Não comeces!

Desde crianças, Kiara e Zuri sempre mantiveram uma boa conexão e tornaram-se inseparáveis. Durante muito tempo, foram só as duas e, mais tarde, já na Faculdade de Letras, conheceram o Miguel, um rapaz solitário,

vítima de homofobia. Perceberam a pessoa maravilhosa e divertida que era e ajudaram-no a entender que a sexualidade não o definia e que não haveria problema algum em cada um ser como é. Quando Kiara estava a meio do curso, a avó faleceu e herdou a sua bela casa, muito perto da faculdade. Devastada pelo desgosto, não quis ficar sozinha e decidiu convidar os amigos para viver consigo.

- Lembras-te de quando eu te encobria para estares com o teu namorado?

- Ok, ganhaste... entra! (riem as duas).

Quando Kiara chegou à padaria, o seu negócio de bairro, Ramir esperava-a muito preocupado. Tinha-lhe ligado várias vezes e a namorada não costumava atrasar-se.

- Onde estavas? Estou preocupado...porque não atendeste as chamadas?

Kiara acaricia-lhe os braços num ato de conforto e esta atitude fê-lo pensar que, depois de semanas de hesitação, ela iria finalmente aceitar viajar consigo para o Irão.

- Sim! - declara Kiara de olhos fechados, como quem vai entrar no loop mais alto da montanha russa. - Quero conhecer o teu país e a tua família!

- Ramir fica muito feliz e abraça-a entusiasmado.

- A nossa viagem já está marcada para a próxima semana... sabia desde o início que ias aceitar!

Naquele momento, Kiara olha-o sorrindo, mas, na verdade, encontra-se apreensiva e assaltam-na muitas dúvidas: teria tomado a decisão certa?

Na manhã do dia anterior ao embarque, Kiara e Ramir falavam acerca dos convidados para a festa de despedida.

- Sabes, amor... Vivo cá há pouco tempo, os únicos amigos que tenho são os da embaixada... Não tenho muitas pessoas para convidar, deixo isso para ti.

- Ok, meu amor! Não te preocupes, já tratei desse assunto. A Zuri e o Miguel fazem parte da casa e incluí também os meus amigos da faculdade e os teus colegas.

Às 17h, os convidados começaram a chegar. Após muitos risos e diversão,

Miguel, preocupado com a súbita mudança na vida da sua amiga, pergunta-lhe:

- Kiara, achas mesmo que é uma boa ideia ires assim tão repentinamente para o Irão? Tens visto os relatos sobre o que tem acontecido às mulheres de lá? Como achas que te vão receber a ti que és tão diferente delas?

- Compreendo o que queres dizer, mas tenho de o fazer, é a minha escolha, eu amo o Ramir e quero estar com ele, no país dele ou no meu. Acredito que me vão receber muito bem, os pais dele estão ansiosos para me conhecerem pessoalmente e eu também estou ansiosa para os conhecer. Além disso, a mãe do Ramir está gravemente doente.

- Mesmo assim, acho essa decisão precipitada, pensa bem no que estás a fazer.

Ramir ouve as últimas palavras de Miguel e questiona-o nervoso:

- O que tens contra o meu país? Qual é o problema? Ela vai comigo!

- Não tenho nada contra o teu país, mas a vossa cultura é muito diferente, acho que ela pode ter dificuldades de adaptação e até pode ser perigoso.

- Mas quem és tu para achar o que a Kiara deve ou não fazer? Sei que és amigo dela, mas esta é uma decisão nossa! - responde Ramir zangado, levantando-se.

Ao notar esta postura agressiva, Miguel, de pé, encara-o, desafiadoramente. Ramir agarra-lhe o braço e empurra-o. Miguel cai, desequilibrado, em cima da Zuri e da Kiara. Esta, apercebendo-se da situação, força-os a pararem com a discussão e questiona Ramir.

- O que está a acontecer?!

- Desculpa, exaltei-me! Mas o teu amiguinho homossexual é que começou. De qualquer forma, peço imensas desculpas, amor, isto não devia ter acontecido!

Miguel afasta-se, ressentido por Kiara ter permitido que o namorado falasse assim com ele. O amigo e Zuri trocam olhares: nunca o preconceito tinha entrado naquela casa. Foi a sua vez de levantar a voz:

- Este tipo é um idiota! É com ele que vais para o Irão?! (e comenta entre dentes) O caso é mais grave do que eu pensava...

- Desculpa Miguel, o Ramir está nervoso com a viagem... , diz Kiara, embaraçada.

A festa continuou sem sobressaltos e, depois de todos saírem, Zuri chamou a amiga ao quarto, estava também preocupada. Embora fosse apenas para conhecer a família, o Irão é um país muito complicado para as mulheres, ainda para mais, Kiara é de origem africana. O que pensaria dela a família? Como iria recebê-la? Como se iria adaptar aos seus hábitos e a todos os direitos humanos que lá são negados às mulheres? Zuri tinha muitas dúvidas, desconfiava até dos planos do Ramir.

- Não sejas parva! Andas a ver demasiada televisão... eu confio plenamente no Ramir, não vai acontecer nada! Além disso, estou há meses a aprender a língua deles. Hei-de conseguir desembaraçar-me sozinha, em caso de problemas.

Kiara vai para o quarto e deita-se junto ao namorado. Pensa no que lhe disseram os amigos e sente-se inquieta. "Será que eles têm razão? Vão ser só alguns dias...tudo voltará ao normal." Por fim adormeceu. No dia seguinte embarcavam para o Irão.

Após uma longa viagem, cheia de escalas, chegam finalmente a Teerão mas, quando se preparam para sair do avião, Ramir diz-lhe:

- Ah, quase me esquecia! Põe este lenço na cabeça. Mesmo sendo estrangeira, tens de respeitar as regras, é obrigatório usá-lo em locais públicos.

Kiara surpreende-se, mas aceita. Ramir ajuda-a, diz-lhe que fica ainda mais linda e tranquilizou-a dizendo que em casa as coisas seriam diferentes.

Nas ruas, Kiara começa a observar tudo à sua volta. Todas as mulheres andam cobertas de negro, sempre afastadas dos homens. Pensa na segregação entre os brancos e os negros nos Estados Unidos, há muito tempo. Está aterrada.

- Sentes-te bem, amor? - pergunta-lhe o namorado, interrompendo os seus pensamentos.

- Sim...acho que estou bem.

- Olha para mim, não precisas de te preocupar. É uma cultura diferente,

pode parecer-te um pouco assustadora, mas vai correr tudo bem connosco.
- tranquiliza-a, com um sorriso confiante.

Kiara acredita que, se calhar, não será assim tão mau. Ramir diz-lhe que só faltam cerca de oito horas até chegarem a casa. Depois de um silêncio confrangedor, um carro luxuoso aproxima-se e buzina. Os pais e a irmã saem do carro e todos se cumprimentam. Kiara senta-se no banco de trás com a irmã, Aisha, e a mãe.

- É um prazer conhecê-la pessoalmente! - diz Nahid, a mãe de Ramir.

Kiara acha a mãe muito amável, exatamente como tinha imaginado. Mas fica um pouco desconfiada, afinal não lhe parece nada doente.

Aisha faz-lhe imensas perguntas sobre a sua vida em Portugal. Acha o seu cabelo estranho e lindo e gosta das suas roupas coloridas e diferentes. Imediatamente, simpatizam uma com a outra.

A certa altura, a mãe pergunta-lhe se ela não gosta de alisar o cabelo.

- Já experimentei algumas vezes, mas prefiro o meu afro e o Ramir também.

- Sim, sim, ficas linda. Mas também gostaria muito de te ver com o cabelo liso.

Após 900 km de viagem, chegam já muito tarde a Mexede, uma cidade três vezes maior do que Lisboa. Kiara está exausta e, quando entra em casa, fica agradavelmente surpreendida com a riqueza da casa e da decoração.

- Uau! É linda a tua casa...parece mesmo um palácio! - observa Kiara maravilhada.

Kiara está encantada, todos são muito simpáticos. Sente-se aliviada quando vê a mãe e a irmã a tirarem os lenços e a usarem roupas ocidentais.

Finalmente, Ramir leva-a ao quarto e despede-se com um beijo e um longo abraço. Kiara, perplexa, percebe que vai dormir sozinha.

“Foi uma das melhores semanas da minha vida!” - disse na mensagem que enviou os amigos, Zuri e Miguel, evidenciando a sua alegria.

Começou a assimilar os costumes e a cultura do seu apaixonado, teve a

oportunidade de visitar a cidade acompanhada por Ramir e Hassan, o irmão, que se mostrou carinhoso e a fez sentir bem recebida. Em todos os locais, Kiara reparou que as mulheres estão sempre acompanhadas por homens, mantendo uma postura de submissão.

No Palácio de Golestão viu paredes revestidas a ouro e diversas galerias de arte centenária. Conheceu a ponte de Tabiat, de onde era possível admirar a beleza do parque nacional de Khojir, um lugar paradisíaco, com um rio e montanhas a perder de vista. Fez uma viagem de barco pelo rio, conseguindo observar leopardos-persa e gatos selvagens nas margens. Numa noite, Ramir levou-a à torre Milad onde, para sua surpresa, tinha reservado uma sala no restaurante só para eles e preparado um jantar romântico à luz das velas.

Todas as manhãs, Kiara acordava com o pequeno-almoço servido no quarto por um empregado e, quando este se retirava, surgia Ramir. Algumas vezes levava-lhe rosas brancas, as suas preferidas.

Um dia, enquanto se prepara para ir passear com a família no centro da cidade, Ramir adverte-a:

- Não te esqueças de colocar o hijab e de cobrires os braços!

Kiara tenta dissuadi-lo, dizendo que está muito calor e que é estrangeira, mas Ramir insiste que é obrigatório.

- Concordo contigo, mas é a lei, não há nada a fazer, afirma, mostrando-se compreensivo.

Chegados ao centro da cidade, Kiara começa a sentir um calor insuportável:

- Ramir, eu não estou a aguentar, tenho mesmo de tirar o hijab.

Ramir pega-lhe no braço com alguma força e obriga-a a cobrir novamente os braços. Aisha percebe de longe o que se passa e decide intervir.

- Ela não está habituada aos nossos costumes, sê compreensivo!

- Já sei o que pensas em relação a este assunto, mas fica calada, não quero discutir contigo, nem preciso da tua opinião!

Aisha baixa a cabeça e fixa os olhos de Kiara, mostrando solidariedade. Ao

mesmo tempo, Nahid, sentada num banco, assiste à discussão com um olhar reprovador.

No final da tarde, chegam a casa e Kiara, que ficou calada o resto do dia, vai rapidamente para o quarto.

- Vais continuar a tolerar este tipo de comportamento?! - perguntou o pai de Ramir num tom autoritário.

- Pai, não comeces...

- Não acho normal e muito menos aceitável! Ela vai ser tua mulher e tem de aceitar a nossa cultura. Tem de fazer o que dizes.

- Ela ainda não é minha mulher e mesmo quando for, cresceu num ambiente diferente, logo demorará mais tempo a abraçar a nossa cultura! - responde Ramir estressado, passando a mão no cabelo.

- Ela agora está no nosso país, não pode fazer o que quer!

- Não vou discutir este assunto contigo! - virou as costas, revoltado, saindo da sala.

Ao anoitecer, Kiara toma um banho relaxante, veste uma roupa confortável, deita-se e, quando puxa o lençol, ouve bater à porta suavemente. Abre, pensando ser Ramir, mas vê Aisha e fica espantada.

- Fecha a porta e fala baixo. Ninguém pode saber que estou aqui! - avisa, sussurrando.

Kiara mostra-se preocupada e pergunta porque está tão inquieta.

- O meu irmão não está a agir corretamente contigo, tem de ser mais tolerante. Quero que saibas que te apoio... Mesmo para mim, há muitas coisas neste país que odeio, estou farta de fingir que aceito, um dia vou fugir daqui.

- Isto é completamente diferente de tudo o que já vi, nunca vou aceitar viver como estas mulheres. Em Portugal, posso sair sozinha, vestir o que quero, viver à minha maneira! Aqui, as mulheres vivem com um medo constante de tudo e de todos! Nenhuma opinião devia ser reprimida e ignorada, ninguém tem o direito de nos rebaixar.

- Gostava de poder viver assim... - exprime Aisha, num tom entristecido.

As duas ficam a conversar mais uns minutos, Kiara fala dos direitos das mulheres em Portugal e Aisha mostra-se muito interessada no assunto.

Durante a noite, Kiara não consegue dormir, Ramir não veio ao seu quarto nem para lhe desejar boa noite.

De manhã, ao acordar, vê Ramir aos pés da cama.

- Bom dia.

- Bom dia?! É só isso que tens a dizer?! Ontem fiquei à tua espera e nem te dignaste a aparecer.

- Desculpa, discuti com o meu pai quando chegámos e não tive coragem de te ver depois do que fiz, não devia ter agido de maneira tão explosiva.

- Quero estar bem contigo, não gostei do que se passou e não vou aceitar as tuas atitudes. Eu sei que tu crescestes neste ambiente, mas eu não. Perdoote, mas é a primeira e a última vez que uma situação destas acontece! - diz, olhando para ele.

Ramir não responde, sente-se desiludido consigo próprio. Kiara compreende o seu arrependimento e reconforta-o, abraçando-o por trás.

Passados alguns dias, Nahid e Ramir chegam a casa com vestidos e joias deslumbrantes. Kiara fica admirada e curiosa.

- Oh que lindos, Sra. Nahid! Para quem são? Vai haver uma festa?

- São para si, gosta? Vamos ter uma cerimónia especial! - respondeu a mãe de Ramir.

Mostra-lhe quatro vestidos e Kiara elege o seu preferido. É branco até aos pés, de renda, com gola alta e mangas compridas. O peito repleto de brilhantes dá-lhe um ar angelical. Acompanha-o um véu branco que lhe cobre o cabelo e realça a sua pele chocolate. Kiara questiona-se acerca do véu e retira-o imediatamente.

Notando a reação, Nahid continua a mostrar-lhe os acessórios:

- Ainda temos estas joias para escolher!

São magníficas. Um dos anéis chama a sua atenção pela enorme esmeralda,

que cega quem para ela olha, rodeada de brilhantes, lembra o sol num dia de primavera. O colar é simples, tem um fio de ouro delicado e termina com um medalhão com cinco pedras semelhantes a gotas de sangue.

Pouco depois, Aisha chega com uns frascos de hena e umas folhas cheias de desenhos. A mãe e a filha também se encontram ricamente vestidas, embora com peças mais simples e sem véu. Entretanto, Kiara vê Ramir passar junto ao seu quarto, muito elegante, usando um fato branco com bordados dourados.

Kiara não se sente bem nem confortável, mas tenta afastar da sua mente uma ideia inquietante.

Começam a chegar vários carros, antigos e luxuosos, com familiares e amigos da família Ranjbar. As famílias que se juntaram à entrada iniciam o cortejo e Kiara é levada por Hassan para um dos carros. Nesse momento, várias questões surgem na sua cabeça. Começa a refletir acerca dos preparativos para a festa. “Por que motivo ninguém me disse nada?” - pensou, intrigada.

- Afinal para onde vamos? - questiona Kiara.

- Vamos a uma cerimónia, responde Hassan, fazendo sinal ao motorista para não arrancar.

- Uma cerimónia?! Que cerimónia? - pergunta Kiara assustada.

- Não posso dizer! - diz Hassan, com um sorriso perturbador.

- Então diz-me por que estou vestida de branco?! Todos os outros vestidos que a tua mãe me mostrou eram brancos! E o véu?! Por que me pressionaram para usar este véu?

Hassan garante-lhe que Ramir irá responder a todas as perguntas. Kiara começa a ficar muito nervosa, mas não sabe o que fazer.

- Explica-me, o que vai acontecer! Quem vai casar? Preciso de falar com Ramir!

Hassan sai para chamar o irmão.

- Desculpa, amor! Pensei que irias gostar da surpresa!

- Surpresa?! Que surpresa é esta Ramin Ranjbar?! Achas que o meu sonho

é casar aqui? Agora?

- Desculpa! Nunca te quis magoar... O importante é ficarmos juntos e esta é a única forma de a minha família te aceitar. É só uma questão cultural... Se quiseres, depois casamos outra vez em Portugal.

- Só uma questão cultural?! Organizam o nosso casamento nas minhas costas e dizes-me que é surpresa?!

Seguiu-se um silêncio prolongado, Ramir pede desculpa e diz que vai correr tudo bem. Sai do carro e entra o irmão. Lágrimas explodem na cara da Kiara.

Pouco depois, o carro chega ao destino. O local está apinhado de pessoas ricamente vestidas e ansiosas. Todos estão reunidos junto a um edifício majestoso. Kiara diz a Hassan que precisa de retocar a maquilhagem. Ramir conta a Nahid a reação de Kiara, mas a mãe desvaloriza, dizendo que é normal as noivas estarem nervosas e amedrontadas no dia do casamento.

Aproveitando a saída do motorista, Kiara salta para o lugar do condutor e sai rapidamente dali, desaparecendo da vista de todos. Tira o véu e, já fora da cidade, entra num estacionamento escondido atrás de um prédio. Sem sair do carro, acede à mala de viagem que está na bagageira e veste uma roupa vulgar. Liga o GPS e procura um hotel. Com o pouco dinheiro que tem, recebe conseguir sobreviver alguns dias até sair do Irão.

Continua a fuga e, passado pouco tempo, chega a um hotel à beira de uma estrada pouco movimentada. O rececionista estranha ver uma jovem sozinha, mas logo percebe tratar-se de uma estrangeira. Kiara tenta mostrar naturalidade e pede um quarto para duas noites. Recebe a chave do quarto 213 e vai ao carro buscar a mala que tinha preparado a pensar na festa com Ramir.

Através da Internet, consegue as informações necessárias para sair do Irão e um bilhete para o Dubai no dia seguinte.

Após uma noite passada quase em branco porque percebe que não tem o passaporte, Kiara sente que a sua vida pode mudar rapidamente, desejava nunca ter saído de Portugal e pensa que devia ter ouvido a Zuri.

Decidida a sair do país sem Ramir, o mais depressa possível, Kiara dirige-se a uma ourivesaria para vender as joias que usava, exceto o anel da esmeralda que era uma peça de família. Sente-se culpada por vender o que não lhe pertencem, mas, ao lembrar-se do que lhe ia acontecendo, não hesita.

Entretanto, lembra-se que o passaporte deve ter ficado em casa de Ramir. Com alguma hesitação, liga, com esperança de que lhe atendesse Aisha, pois sabia que era a única que a iria ajudar naquele momento.

O telefone toca:

- Casa da família Ranjbar. Estou a falar com...? - interpela ao telefone uma das empregadas.

- Boa tarde. Posso falar com a menina Aisha? - pergunta Kiara

- Senhora Kiara?! - exclama a empregada, bastante surpreendida.

- Não fale alto. Prefiro que ninguém da família se aperceba de que estou ao telefone! Pode passar à Aisha, por favor?

Entendendo a gravidade da situação, a empregada desloca-se silenciosamente ao quarto de Aisha e passa-lhe o telefone. Aisha fica admirada com o telefonema de Kiara. Juntas combinam um ponto de encontro para Kiara recuperar o seu passaporte e Aisha fala-lhe sobre um acontecimento futuro que a está a incomodar. Entretanto, Ramir fica com curiosidade de saber quem estava a ligar, pois também ouviu o telefone. Admirado por a empregada o ter passado a Aisha, uma vez que esta quase nunca o usava, Ramir pergunta-lhe quem é que está do outro lado da linha.

- Era a menina Kiara, senhor. - confessa a empregada, bastante apreensiva com a reação do patrão.

- E porque não mo entregou a mim?! - questiona Ramir, irritado.

Ramir desloca-se rapidamente ao quarto de Aisha. Esta, ao perceber que alguém se aproximava, despede-se de Kiara e desliga o telefone. O seu irmão, já indignado com a situação, pergunta-lhe o assunto da sua conversa com Kiara.

- Ela só se estava a despedir. - refere Aisha.

- Não se quis despedir de mim? Sai do nosso casamento repentinamente... E até agora não me deu qualquer informação.

- E o que esperavas? Querias que ela casasse contigo aqui no Irão, sem lhe teres feito qualquer pedido e organizando tudo nas suas costas? Não me digas... Julgavas que ela aceitaria sem qualquer hesitação? E que nada acontecesse?

Ao perceber que, no fundo, a sua irmã tinha razão, Ramir não lhe responde e desvia o assunto.

- E para onde foi? Para Portugal? Conseguiu um bilhete assim tão rápido?

- Não sei. Ela não me disse. Nem cheguei a perguntar.

Mais tarde, sem ninguém notar, Aisha desloca-se ao quarto de hóspedes. Como Ramir não permitiu que os empregados arrumassem aquele quarto, na esperança de que a sua namorada regressasse, ela encontrou logo o passaporte.

No dia seguinte, Kiara, espera novidades de Aisha. Não conseguiu dormir, pois passou o tempo todo preocupada com a sua situação.

Entretanto, Aisha no quarto prepara-se para sair e encontrar-se com Kiara na manifestação relâmpago em que iria participar. Só Kiara e uma empregada sabiam das saídas secretas e o que ela fazia fora de casa: Aisha era uma ativista, lutava pelos direitos das mulheres. Sai de casa pela janela com o auxílio da empregada com uma camisola vestida e uma cartolina, ambas escritas com a frase "Sou uma mulher! E o lugar da mulher é onde ela quiser!", escondidas debaixo de um enorme casaco preto.

Para sua sorte, Aisha já sabia os caminhos por onde devia andar, de modo a não ser intercetada e, pouco depois, chega ao local onde a manifestação se iria realizar: o ponto de encontro.

Enquanto isso, em casa, a família Ranjbar dá por falta de Aisha.

- Onde está a Aisha?! - pergunta Nahid, assustada.

- Não sabemos, senhora. - responde um dos empregados

- E você, não sabe? - pergunta Ramir à empregada que havia dado o telefone

a Aisha.

- Não, senhor. - responde, muito assustada.

Nahid e o seu filho, preocupados, mandam um empregado à sua procura.

Ao fundo, Aisha vê o carro que Kiara levou quando fugiu do seu casamento. Naquele momento alegra-se por voltar a ver a amiga.

Kiara sai instantaneamente do carro quando vê Aisha. Falam um pouco e acabam por terminar a conversa que tiveram ao telefone. O problema que a afeta é um pretendente que a mãe arranjou, sem ouvir o que realmente Aisha deseja para o futuro.

Entretanto, Kiara recebe o passaporte. Mostra-se muito agradecida e despede-se com um abraço caloroso da sua grande amiga, prometendo que iria fazer de tudo para ajudar. No entanto, Kiara está preocupada com Aisha, depois de esta referir que vai participar na manifestação clandestina que iria ocorrer mais tarde e, por isso, tenta ver a situação de longe.

Na manifestação, estava tudo a correr bem, até que chegam vários carros da polícia. Todas as pessoas dispersam e tentam fugir.

Kiara procura Aisha, mas não a vê. Verifica, sem sucesso, as ruas da zona e, esquecendo-se dos seus problemas, liga para Ramir.

- Ramir! A tua irmã está em casa? - questiona Kiara

- Kiara?! Liguei-te tantas vezes...

- Agora não importa! A tua irmã está em casa?

- Não! O que se passa com a Aisha? O que aconteceu? O que é que tu sabes que nos está a escapar?!

Kiara acaba por contar o sucedido e sugere que, talvez, Aisha estivesse na esquadra da polícia. Ramir fica em choque. Sabia que ela não concordava com muitas coisas da religião, nem com o casamento mas, daí a participar num protesto, ia muito além do que ele imaginava.

Na esquadra, Aisha é interrogada.

- Estás com sorte por seres de uma família conhecida. Se fosses só um pouco

mais velha, irias ter problemas muito graves. Dá-me o número de um dos teus familiares, diz-lhe um dos políciais.

Já no carro, a caminho de casa, Aisha agradece a Kiara. Ramir não teve coragem de lhe dizer qualquer palavra.

Mais tarde, Kiara, já no avião, sente-se triste mas, ao mesmo tempo, está aliviada por conseguir sair do Irão para sempre. Vê-se num turbilhão de emoções e pensa também na sua amiga e cúmplice que ficara para trás, refém de uma mãe tóxica e de um pretendente indesejado. Com a Zuri e o Miguel, haveriam de encontrar um plano para a libertar.

Escola Básica e Secundária Professor Ruy Luís Gomes

Docentes

Maria da Conceição Ventura Gouveia Monte Sobral (*professora de Português*)

Maria Madalena Baião Cardoso (*professora da equipa da BE*)

Maria Luísa Valezim Batista (*professora bibliotecária*)

Alunos do 11º A

Ana Isabel dos Santos Alves

Ana Luísa Silveira Mata

André Filipe Ferreira Samora

Avril Alejandra Silva da Costa

Clara Roque Martinho

Cláudio André Bento Martins

Diogo Miguel Chen

Érica Craveiro Rodrigues

Érica Filipa Figueiredo Gerardo

Jéssica Emília Gomes dos Santos

João Pedro Sousa Ferreira

Jocyara Andreia Levy Mendes Moreira

Luiz Miguel Silva Santos

Maria de Fátima de Jesus Mendonça Tavares

Rafael Alexandre Vaz Quintas

Rafael Zurzica Luís

Roberto Gabriel Lungoci

Ruben Martim Ricardo Domingues

Sandrina Maria Tavares Garcia

Tiago Mamadu Dembo

Filipa Martins nasceu em Lisboa, em 1983, e é uma premiada escritora, romancista e argumentista. Recebeu o Prémio Revelação, na categoria de Ficção, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), com *Elogio do Passeio Público*, o seu primeiro romance. Obteve ainda o Prémio Jovens Criadores do Clube Português de Artes e Ideias com *Esteira*. Em 2009, publicou o seu segundo romance, *Quanta Terra*. Em 2014, saiu pela Quetzal o seu terceiro romance, *Mustang Branco*, a que se seguiu, com a mesma chancela, *Na Memória dos Rouxinóis* (2018), Prémio Manuel de Boaventura. Finalista dos Prémios Sophia, da Academia Portuguesa de Cinema, dedicou-se - nos últimos seis anos - a estudar a vida e a obra de Natália Correia, tendo sido coautora de um documentário e coargumentista de uma série de televisão sobre esta escritora açoriana.

O OUTRO - CADÁVER ESQUISITO

Não havia forma daquilo ser real.

Era um dia de sol quando decidi ir dar um passeio e me deparei com um som a vir de longe, pareciam batimentos de uma bateria com um ritmo contínuo. Larguei a correr. Os batimentos iam ficando mais altos e mais violentos à medida que me aproximava desse som inquietante e perturbador, que parecia chamar-me ao seu encontro.

Já perto, percebi que o som vinha de uma direção familiar, a minha casa, mais propriamente da garagem que eu tinha em tempos transformado numa espécie de estúdio. Ao transpor a porta, deparei-me com um adolescente igual a tantos outros, de jeans e sweatshirt com capuz de cor preta. O rapaz atacava os pratos de uma velha bateria como se os quisesse destruir. Gritei-lhe, mas ele não me ouviu; fiz-lhe notar a minha presença das mais variadas formas, mas ele não respondia aos meus apelos; ignorava-me provocatoriamente - pensava eu.

Por fim, pareceu ter desacelerado o ritmo e olhou repentinamente para mim. Interpelou-me com um ar intrigado: - o que estás aqui a fazer, meu? Não devias estar aqui!

Aquela voz era-me tão familiar. Mas eu nunca conhecera ninguém que tocasse bateria, eu próprio nunca me tinha interessado por aquele instrumento musical, a minha adolescência ficara marcada pelo saxofone e pelo baixo e baixo. A percussão nunca fora a minha praia. Aquela bateria fora encontrada junto de um contentor, alguém tentara desfazer-se dela e eu, que sonhara ter uma banda de garagem, recolhi-a. O meu sonho nunca se concretizou. A faculdade de Direito e as leis passaram a constituir as minhas prioridades, o meu núcleo de interesses.

Num misto de indignação e curiosidade, quis saber o que levava à invasão de propriedade. O jovem encarou-me com um sorriso irónico e sarcástico:

- O senhor juiz nunca saberá quem sou. Nunca terá esse privilégio.

Deixou cair o capuz, olhou-me fixamente. Olhámo-nos e fomos um só num breve instante. O espelho partiu-se, desfez-se em mil pedaços.

Isto só poderia ser um sonho.

O futuro pertence aquelas que acreditam na beleza dos sonhos.

Tudo começou no dia 24 de dezembro de 2021 por volta das 4 horas da tarde. Estava a preparar-me para ir ao treino na academia de Sporting Clube de Bissau. Eu estava com fome porque tinha ido jogar no bairro com os meus amigos e cheguei a casa muito tarde a casa e em casa já não tinha o que comer...E lá fui eu todo aborrecido a caminhar sozinho para o local do treino que ainda era longe.

Já tinha percorrido um quilómetro quando apareceu um camião cheio de areia e pedi boleia. O condutor era um senhor já com alguma idade, perguntou-me:

- Vais para onde?

Respondi que ia para o treino no Sporting. Ele ofereceu-me boleia e, passados 15 minutos, estávamos no local do treino. Cheguei ao balneário cheio de areia e toda agente olhou para mim.

O "Mister" aproximou-se e disse-me:

- Vai tomar banho! O jogo vai começar... faltam apenas 10 minutos.

Tomei banho muito rápido, entrei no jogo e, no final, a minha equipa ganhou 3 a 0.

No dia seguinte recebi uma chamada do meu empresário que me disse:

Já comprei o bilhete de avião para 13 de janeiro de 2022!

Mas, quando cheguei a Portugal, vi como tudo é difícil, tanto na escola como no futebol.

No dia 5 de fevereiro, por volta das 8 horas da noite, eu estava na paragem de autocarro a pensar nas alternativas para o meu futuro. De repente, chegou um senhor que estava a pensar a mesma coisa que eu. Passados 3 minutos, ele começou assistir à entrevista do Cristiano Ronaldo, que é o meu ídolo. Ainda me lembro do que ele dizia sobre as dificuldades que Cristiano vivenciou: chorava todos os dias, mas referiu que são as dificuldades que tornam as pessoas mais fortes...

Percebi que os mais tímidos guerreiros não baixam os braços, pelo que não iria permitir que aspetos negativos destruíssem os meus sonhos. Sentia que estava a partilhar os mesmos pensamentos do senhor da paragem.

Perguntei, então, quem era ele e tive como resposta que ele era a segunda versão de mim próprio.

O autocarro chegou e fui embora. Quando olhei lá para fora pela janela o senhor já lá não estava. Fica a dúvida se o voltarei a encontrar.

Há sempre uma forma de esquecer...

Talvez me venha a esquecer daquele dia, pensei eu enquanto observava as ondas do mar a embater bruscamente contra a areia cintilante. Com isto dispersei-me do mundo real, parecia que tinha caído num sono profundo, mas não era bem assim, parecia mais um pensamento ou até mesmo uma recordação do passado, era como, se por instantes tivesse entrado no meu próprio mundo. De um momento para o outro tudo ficou claro, e sem perceber o que estava a acontecer, dei por mim novamente no local onde estava. Quando olhei para o lado encontrei uma figura familiar, com um ar paternal. Depois de um breve momento de silêncio, este começa por dizer:

- É difícil não é?
- Podes crer, mas espera, quem és tu? - Perguntei.
- Tens a certeza que não me reconhecês? - Disse este.
- Acho que não.
- Observa com atenção e perceberás.

Depois de uns tempos a tentar reconhecer aquele rosto misterioso, cheguei a uma conclusão: - Espera, por acaso não és..., não, isso é impossível. - Pois, também não acreditei à primeira, mas pelos vistos há uma pequena possibilidade de sermos a mesma pessoa, mas a diferença é que eu sou mais velho e tu mais novo. - Ahh... agora faz mais sentido.

- Só te queria explicar a conclusão que obtive depois de ter vivido tudo o que estás a viver agora.

- E qual é?

Este, com um tom sério, diz: - Amigo, todas as coisas que aparentam ser um problema não são mais nada que pequenos problemas e complicações que tens vindo a meter na tua cabeça. - Então isso quer dizer que... Espera, tu... Eu não consegui perguntar mais nada, mas no fundo percebi o que queria dizer, e este, como veio, se foi, tendo o seu corpo sido arrastado novamente por um clarão, e com ele, todos os problemas e complicações criados pela minha cabeça como quem escreve um livro. Com isto acabei por concordar com aquela misteriosa presença, e utilizando os ensinamentos deste como se fossem meus, disse para mim mesmo:

- Realmente, o melhor é acordar.

O melhor é acordar, numa manhã fria, enrolado nos lençóis. O episódio deu-se no final do mês de abril de 2022, a sul da margem do rio Tejo, em Portugal.

Era um dia de Primavera como qualquer outro. O sol tinha acabado de nascer e seriam sete da manhã. Eu estava sentado na paragem do autocarro à espera que o mesmo aparecesse. A uns quinhentos metros à minha esquerda havia um rio. A água estava cristalina como uma pedra de safira. A corrente do rio corria apressadamente levando-me a pensar no tempo. Tinha dormido bem; estava bem disposto.

Notei de súbito a impressão de já ter presenciado aquele momento, um ténue aceno de um passado longínquo. Observei descuidadamente um jovem sentado na outra ponta do banco da paragem, que tinha começado a ouvir música demasiado alto. Podia jurar que reconhecia aquele som.

Acerquei-me dele e perguntei:

- O rapaz apanha este autocarro muitas vezes? Nunca o tinha visto por aqui.
- Outro: Só costumo apanhar este autocarro às quartas-feiras. Tenho consultas de rotina no médico devido a uma doença cardiovascular. Mas não se preocupe muito. É uma doença dos vasos sanguíneos que irrigam o músculo cardíaco. As consultas têm corrido bem, estou confiante.
- Lamento imenso ouvir isso - Respondi-lhe.

A conversa parecia interminável e o autocarro sem aparecer, fomos nos conhecendo melhor. Também tenho essa condição desde que tenho a idade do miúdo. É curioso visto que é uma doença bastante rara. Não lhe disse para não afetar a linha temporal. Vi isso num filme. Despedi-me dele. Desejei-lhe boa sorte. Tenho poucos meses de vida devido a esta condição que se foi alastrando até ao cérebro. Não sinto pena de isto nos ter acontecido pois experienciei as coisas mais bonitas nesta vida. Mas, de súbito, tudo se transformou.

Mas, de súbito, tudo se transformou. Participava no meu nono torneio de xadrez. O meu adversário aguardava a minha próxima jogada com uma serenidade própria de quem controla os movimentos das peças no tabuleiro. Eu desenhava mentalmente uma estratégia impiedosa para fazer xeque-mate ao Rei inimigo. Ao mover a minha Dama, pronto para a estocada final, encontrei-me subitamente em casa de meus pais, no meu velho quarto. Era um apartamento comum no centro da cidade onde estaria sozinho até ouvir alguém a abrir a porta, esse alguém não me era estranho, sentia já ter visto esta criança em algum lugar: um miúdo de cabelo a cair-lhe pelas costas, olhos castanhos, alto... Quem seria? - perguntei-me várias vezes. Seria um filho de um tio distante, ou seria alguém que conheci numa daquelas festas de família que na altura eu achava pura perda de tempo, o que me levaria a esquecê-lo, a esquecer quem seria este miúdo que aparentava um medo e uma desconfiança que se podiam vislumbrar a quilómetros de distância. Enquanto lutava para tentar entender quem seria ele, ouvi a sua voz, na qual se notava um leve tom de surpresa e, também, de indignação:

- Ele: Quem és tu, e o que fazes no meu quarto?

Respondi de uma forma calma para não tornar mais profundo o seu medo e indignação.

- Eu: Não sei bem como te explicar. Estava num torneio de xadrez, mas vi-me de repente numa passagem escura e estreita e vim aqui parar. Preparava-me para fazer xeque-mate ao Rei inimigo... Azar!

- Ele: Podemos continuar a jogar, queres? O jovem dirigiu-se ao móvel onde

eu guardava o meu antigo tabuleiro e peças de xadrez. No tabuleiro, colocou as peças exatamente nas mesmas posições em que as tinha deixado frente ao meu adversário, que agora era um miúdo que aparentava ter 15 anos.

Eu continuava a ameaçar o Rei do meu oponente com uma captura inevitável. Mas este novo adversário revelou ser um mestre de fuga. Parecia conhecer todas as formas de um jogo terminar num empate. A nossa existência é, assim, um constante empate com o tempo. Cansado de tanta estratégia no tabuleiro da vida, convidei-o para ir lanchar.

Convidei-a para ir lanchar.

Está um dia maravilhoso, de vez em quando vem um ventinho de leve, mas não chega a ficar frio, e um sol perfeito apesar de não estar assim tanto calor também, então por que não convidá-la a ir lanchar.

Ela apareceu.

Na minha mente, em rasgos fugazes, emergem duas grandes questões: como surgiu ela aqui e como isso veio a acontecer? Só espero que ela chegue logo, passaram dez minutos...

Do nada, vejo uma figura ofegante a correr na minha direção. Cumprimentamo-nos e entramos no café.

As pessoas olham-nos com olhares depreciativos e inquisidores. Eu ignoro os semblantes alheios, quem sabe, máscaras de vidas vazias.

Pedimos o nosso lanche. Apreciamos o nosso chá e sanduíches, sem trocarmos uma palavra sequer. De vez em quando, ela olhava-me como se estivesse à espera que eu dissesse alguma coisa, mas eu permanecia em silêncio.

Repentinamente, ela sussurra algo, mas eu não percebi e pedi-lhe para que repetisse.

- Tu não queres perguntar nada? É estranho ficares calada desse jeito. - Disse ela.

- Pensava que queria comer primeiro, mas ok - Respondi-lhe.

E eu então comecei a fazer-lhe muitas perguntas, ela respondeu a todas e rimo-nos imenso. Eu não queria acreditar que o meu futuro me reservaria situações, vivências tão hilariantes.

Acabamos de comer e demos uma volta pelo parque. Diverti-me a observar a forma como ela, conselheira, tentava orientar a minha vida segundo as filosofias mais díspares e anacrónicas. Ela mostrava-me um mundo ao qual eu não pertencia e que há muito tinha desaparecido. Toda ela era um manual de etiqueta e um ABC de boas intenções: como me transformar na esposa modelo, na mãe perfeita, como estar na sociedade com distinção e elegância...

Eram quase seis da tarde e ela continuava a desdobrar o seu leque de lições. Sentimos a tarde cair. Ela começou a despedir-se de mim. Vi lágrimas nos seus olhos. O seu corpo dissipava-se na penumbra do anoitecer até sumir de vez e levar consigo esse universo feminino que fez história, mas que felizmente desapareceu. Contudo, nunca me senti tão viva como naquele momento em que a escutava. Tinha conversado comigo, tínhamos viajado no tempo e feito história.

Seria bom se ela continuasse aqui, visse e conhecesse a mulher independente e realizada que sou hoje, mas ela tem a sua vida e o seu tempo. Gosto de a recordar. Às vezes a sua imagem dissipa-se na minha memória como se dissipou naquela tarde do nosso encontro... Talvez me venha a esquecer daquele dia.

Não havia forma de aquilo ser real. Era apenas um dia normal, porém eu durmo, e no outro dia eu acordo em algum lugar estranho que não é o mesmo de “ontem”! Eu não consigo entender!

- Como faço para voltar? Não entendo será que é um pesadelo? - tento me beliscar para ver se estou sonhando, porém não dá certo. Tento ligar para minha mãe, ver se ela atende, porém ela não atende.

Até que eu saio na rua e vejo muitos robôs... o mundo diferente...

- Estou em outro planeta? - Pensei comigo mesma! Até que eu entendo que estou no futuro, era exatamente como todos falaram que era. Saio de casa e passeio um pouco, vejo como o mundo está e fico chocada com o que fizeram ao planeta! Logo quando ia voltar para casa me aparece um homem? Como assim? Faço milhões de perguntas e ele me dá as respostas que eu não queria muito saber sobre esse “novo planeta”. Olho meu celular e vejo meu número

“antigo”? Como assim meu próprio número aqui? Ligo e alguém atende, porém sem respostas, então eu converso comigo mesma.

- Olá eu do passado, descobri que estou aqui há muitos anos e não percebi, não tem mais seres humanos, apenas eu, o resto é robôs ou máquinas, apenas encontrei um homem que me falou que todos morreram pois não tinham mais emprego desde que as máquinas “roubaram” isso. Ficaram sem dinheiro, comida, sem casa e não resistiram, já aconteceu as fases de glaciação, podemos estar muito perto de perda de energia térmica pelo núcleo do planeta, perturbações provocadas por outros corpos do Sistema Solar e alterações bioquímicas na superfície terrestre, então, se eu do passado estiver ouvindo isso, mude o planeta por favor! Se quer prever o futuro estude o passado!

Se queres prever o futuro estuda o passado. Foi o pensamento que me ocorreu naquele momento e que me fez pensar além de muitas outras coisas.

Encaminhei-me até ao sítio do costume na esperança de encontrar um banco para me sentar a ler. O ar do jardim sempre me acalmou em ocasiões mais stressantes da vida. De repente sinto algo a tocar-me, como quando nos chamam pelo braço e somos obrigados a desviar o olhar devido à nossa curiosidade. Olho para baixo para ver o que é. Deparo-me com alguém especial, alguém que não via há pelo menos 10 anos. Começo a percorrê-la com o olhar na esperança de encontrar algum defeito que me faça estar enganada. Mas não. Está exatamente no mesmo sítio, com a mesma roupa, no mesmo dia, à mesma hora. Olha para mim fixamente e pergunta:

- Sabes o que é o futuro?
- Penso que seja algo que esteja próximo de acontecer, mas longe ao mesmo tempo.
- Mas como sabemos o que vai acontecer?
- É impossível conseguir prevê-lo, mas haverá sempre algum tipo de coisas que o poderão influenciar, principalmente as tuas escolhas.

Ela pega num caderno vermelho de capa dura e começa a desenhar numa folha já um pouco suja de tanto ser apagada. Vejo os traços pesados que insere no papel e a maneira como estes formam a imagem de uma borboleta pousada numa flor. Depois de acabar começa a colori-la com várias cores.

Faz-me lembrar os tempos em que não nos tínhamos que preocupar com nada e podíamos ser tudo o que quiséssemos a qualquer hora do dia. Fingir ser uma pessoa que não somos só por diversão e não por obrigação. Tudo isto me faz pensar no que queria eu me tornar quando crescesse? O que pensava fazer no futuro? Eis que algo me irrompe pela mente:

- Se queres prever o futuro estuda o passado.

Tudo começou numa quarta-feira quando eu estava na escola, e eu encontrei um menino, pois ele era muito bonito e atraente, depois fui até ele e o perguntei-lhe: Olá bom dia! como te chamas? Ele disse o seguinte "eu me chamo Leo", depois eu o disse que nome bonito que tens e ele me disse "muito obrigado" e ele prosseguiu-se dizendo "e tu como te chamas?" Eu disse me chamo Ana depois ele disse "prazer" depois eu disse o prazer é todo meu, depois nos despedimos e eu fui a turma e ele foi a turma também ...no dia seguinte eu fui a escola e o encontrei novamente pois fiquei muito feliz de ter o visto pois não comentei nada com ele ,depois eu fui a turma e no recreio eu toda nervosa e com vergonha ele veio até mim e me disse o seguinte: "Olá, bom dia Ana! Tudo bem contigo posso te fazer uma pergunta?"-e eu disse Bom dia Leo está tudo sim obrigada. Podes sim me fazer uma pergunta. E ele me perguntou o seguinte "Tu tens namorado", e eu disse toda feliz não, e eu o perguntei e tu tens? Ele me disse "não" depois eu disse que bom, depois nos despedimos e eu fui embora e ele também passando vários dias eu e ele nos aproximamos muito e estávamos namorando, pois estávamos muitos felizes de termos compartilhados o nosso amor que era grande e cabia no breve espaço de um beijo.

«O amor é grande e cabe no breve espaço de um beijo» - foi o que lhe veio ao pensamento, quando conheceu a mulher dos seus sonhos e os seus lábios se

tocaram pela primeira vez: cabelo castanho, olhos verdes e uma personalidade amável, humilde, fiel, boa ouvinte e confiante em si mesma.

Passaram dias, semanas, meses, juntos, felizes como nunca antes. Ele perguntou: Queres ser a mulher da minha vida e eu o teu homem, queres casar comigo?

Ela respondeu, empolgada: Sim, claro! Mas depois do casamento com o passar do tempo, as coisas começaram a mudar e a piorar cada vez mais, dia após dia. As discussões eram contínuas, os insultos tornaram-se frequentes, até que...

Ela gritou: Não quero mais saber de ti! Ele gritou também: Eu também não quero mais saber de ti! E, com isto, o amor desapareceu num piscar de olhos, cedendo espaço ao ódio.

Agora, quando pensa nela, só é capaz de se lembrar das discussões e dos insultos. O ódio tem melhor memória do que amor.

O ódio tem melhor memória que o amor.

Ainda me lembro das mãos dele em cima de mim. Uma adolescente, fraca e inofensiva, rezando para que acabasse o mais rápido possível, lembro-me como se fosse ontem, os gritos, os choros, as tentativas falhadas de me soltar e finalmente a sensação de fraqueza, quando desisti de dar luta e simplesmente aceitei. Aceitei que não era mais forte que ele, ao fim ao cabo sempre fora ele quem levava as compras do carro para casa.

Silêncio. Finalmente acabou.

Pensara que a dor terminara ali, mas não. Os minutos depois foram a pior parte. Os pensamentos que me cruzavam a mente. Um em particular. Vingança.

Hoje, 10 anos após o acontecimento traumático, ele saiu da prisão. Incrível como já se passou tanto tempo sem o ver. Os primeiros 3 anos foram os piores, sentia uma dor enorme no peito sempre que pensava no sucedido e um nojo desconfortante, mas não posso negar que após uns meses pensei em visitá-lo.

Nunca fui porque não sabia o que dizer. Acho que a única razão pela qual pensei ir lá era porque desejava um pedido de desculpas. Um pedido de desculpas por me ter traumatizado daquela forma, ter traído a minha confiança mesmo depois

de me dar todo o amor possível do mundo.

Mas agora era inegável, ele estava cá fora, no meu mundo.

Confusão, era o que se passava na minha mente neste dia. Não conseguia tirar da cabeça o facto que o meu raptor estava, neste momento, a vaguear pelas ruas da cidade, sem ressentimentos, sem traumas e sem preocupações, enquanto a minha mente parecia estar a ser torturada sem pausas para descanso.

A polícia ligou-me a informar do paradeiro dele, a sua nova casa junto ao rio. Peguei nas chaves do carro e abri a porta de casa, pronta para lhe dizer tudo o que acumulei dentro de mim nos últimos anos, mas tinha uma visita.

Uma rapariga de 16 anos assustada. E eu conhecia-a bem.

- Por favor, não vás- disse-me ela, lacrimejando.

Naquele momento senti um arrepio pelo corpo todo. Uma dor, estranha mas familiar.

- O que estás aqui a fazer? - foi a única coisa que me saiu boca fora.

- Por favor, NÃO VÁS - repetiu, num tom mais desesperado, com lágrimas a escorrerem-lhe a face- o que ele fez é imperdoável, não vás, eu não o quero ver nunca mais na vida, por favor.

Ali lembrei-me da promessa que havia feito a mim mesma há muitos anos e disse-lhe:

- Não vou.

Nada mais aconteceu. Ela apareceu e desapareceu à mesma velocidade.

Ele apareceu e desapareceu, à mesma velocidade, não sei como ele continua a escapar entre os meus dedos.

Deixa-me explicar, tudo começou numa noite cerrada, estamos atrás do maior ladrão de Londres, foi o meu primeiro encontro com um sujeito tão habilidoso na arte do crime, fomos enviados para um assalto a decorrer numa bomba de gasolina. Quando chegamos ao local, vimos um homem mascarado a sair da loja a correr, saímos da viatura e começamos a perseguição, já quase que o tínhamos, mas o ladrão entrou num beco, mas, quando entramos no mesmo, ele havia desaparecido.

Isto era apenas o início de uma onda de crimes.

Ao retornar à esquadra, perguntei-me como ele fazia tais proezas. Sentei-me no escritório, a pensar quais poderiam ser os próximos alvos.

Até que consegui juntar peça com peça. Após triangular os estabelecimentos que haviam sido roubados, pareceu-nos ter conseguido uma pista do local mais provável onde ele voltaria a atacar.

No dia seguinte, tínhamos tudo preparado, agentes no local, bloqueado rotas de fuga e um helicóptero pronto para sobrevoar a zona.

Quando chega a madrugada, ele atacou. O plano tinha resultado. Mal o ladrão se expôs, foram apontados holofotes e foi ordenada a rendição do mesmo. Ele tentou escapar às nossas mãos.

Começamos uma perseguição a pé; passamos por cima de carros, dentro de lojas, até que acabamos num telhado.

Virei-me para o sujeito mascarado e disse:

- Fim da linha, amigo, desta já não escapas.

O homem virou-se para mim e disse:

- Bem, bem, bem, com que então finalmente apanhaste-me.

Eu ordenei:

- Retira essa máscara e põe-te de joelhos.

- Claro, senhor detetive - disse o criminoso enquanto retirava a máscara.

Quando olhei para o seu rosto, entrei em choque, parecia estar a olhar para o meu reflexo numa poça de água.

O indivíduo virou-se de costas e deu um grande salto para um rio que passava em baixo.

Quando perdemos sinal do sujeito, começou a chover.

Começou a chover. Dezembro de 2023. Algures a norte de Portugal.

Seriam dez da manhã, eu estava encostado num rochedo, diante do rio Douro, a uns 300 metros à minha esquerda havia uma pequena cabana, onde habitava um casal idoso.

Senti subitamente a impressão de já ter vivido aquele momento, aquela sensação de *Dejá-vu*. Na rocha à minha frente alguém se tinha sentado, eu na altura estranhei, mas não fiz nada, para não me mostrar descortês. De seguida, o outro tinha-se posto a cantar, era uma música muito antiga, que os meus pais me cantavam nos meus tempos de infância. Dirigi-me a ele e perguntei-lhe de onde conhecia aquela canção. Ele disse-me:

- É uma música que eu cantava para os meus filhos adormecerem.

No início, achei estranho, o outro tinha um sinal idêntico ao meu, na mesma mão. Na sua face, um sorriso que aparentava esconder mil segredos, um mistério profundo... falávamos de tudo: aspirações, viagens, da guerra possível... a pouco e pouco, o meu futuro parecia desenhar-se perante mim.

Despedimo-nos sem nos termos tocado, um breve aceno que encerrava a promessa de muitos outros encontros, muitas outras conversas.

Ainda hoje me pergunto se esta situação terá sido real ou apenas um devaneio, um sonho. Sendo ou não, gostei de me conhecer, gostei de o conhecer.

- Gostei de a conhecer.

É sempre a mesma situação, porque é que quando vais às compras não consegues agir normalmente com a senhora da caixa?

Chego a casa com as compras, sem passar por outro momento constrangedor. Primeira a chegar, já é habitual. Arrumo as coisas, pego no meu mais recente livro e começo a lê-lo.

Passados uns três quartos de horas, ou mais ou menos, o telefone começa a tocar. Levanto-me, encosto-me à parede, pois o meu pai insiste em ter este telefone de há séculos que ainda tem fios, e atendo.

- Olá! Mãe? A terra já deu 145 voltas em torno de si própria desde que ele partiu. E eu continuo aqui presa da mesma forma que estou, algemada ao passado. Só quero voltar para casa, por favor.

Desligo de imediato. Mas que raio?! Já não se pode ter uma sexta feira normal? Esquisito, quase ninguém tem este número, só mesmo familiares. A voz não me parece estranha, mas não consigo associar-lhe um rosto. E o pior de

tudo, eu sou filha única!

Ele morreu há 145 dias, mas quem é ele? Eu e os meus impulsos porque é que deslignei sem tentar saber mais detalhes. Ou, até melhor, porque é que atendi?

Tudo acontece por uma razão e mais vale prevenir do que remediar. Então, para não perder totalmente ninguém, decidi dar cinco páginas a cada pessoa importante na minha vida para que escrevessem o que quisessem. Assim irei ter sempre um registo e lembrança da pessoa. No final, juntarei tudo num livro. Já que o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Convidei-o para ir lanchar. Foi o que me ocorreu naquele instante pois queria saber tudo o que se estava a passar. Claro que escolhi o restaurante ao fundo da rua - apesar de quase nunca ter lá ido - porque era o mais perto de mim e estava muito ansioso.

À medida que íamos descendo a rua, na qual passei grande parte da minha infância, lembrei-me que não tinha trazido as chaves de casa comigo, tinham ficado em cima de um muro, ao pé do portão de entrada. A pressa foi tanta que não me lembrei de as trazer. A minha cabeça estava ao rubro, pensava em mil e uma coisas. Queria perguntar-lhe sobre tudo o que me vinha à cabeça, não entendia como é que uma pessoa completamente desconhecida sabia tanto sobre mim e sobre a minha vida. Estava assustado, claro, mas a curiosidade era mais forte.

Sentámo-nos numa mesa ao canto da sala - não queria que as outras pessoas ouvissem a conversa - e comecei por fazer o pedido, pois não gostaria de ser interrompido a meio da conversa pelo empregado. Pedi uma água e um pastel de nata. Ele não pediu nada. O empregado fez uma pergunta bastante estranha: "Não vai querer mais nada?", como se fosse só eu naquela mesa. Limitei-me a dizer que não, olhando o meu companheiro interrogativamente...

- Podes começar a explicar-te - disse-lhe eu, à medida que trincava o pastel de nata.

- Com muito gosto. Conheço-te a ti, porque me conheço a mim.

Continuei na mesma, achava que ele estava a gozar comigo.

- A sério? Estou mesmo curioso, podes explicar-me de uma vez por todas, se faz favor?

Saboreei o último pedaço de pastel de nata. O silêncio pesava entre nós. Dei por terminados o meu lanche e a nossa conversa. Não esperava vê-lo desaparecer à minha frente assim do nada. Fiquei perplexo. O resto das pessoas do restaurante pareciam continuar, indiferentes à presença do outro. Estaria a sonhar? Saí do restaurante sem mais nem menos, mas não sem pagar, claro. Não que isso seja importante num sonho.

Subi a rua, desta vez sem pressa nenhuma, com esperança de que ele ainda aparecesse. Para minha surpresa, as chaves ainda estavam lá, naquele muro branco, sujo e desgastado de tantas pessoas pousarem e perderem por ali as suas chaves. Entrei em casa, descalcei-me e fui direto para o sofá. Refleti sobre o que tinha acabado de viver. Foi um momento reconfortante, como se a conversa tivesse acabado, eu saíra de lá uma pessoa mais completa. Queria que voltasse a acontecer, mas, por enquanto, estou inventando a tua presença.

Partiu em silêncio, sem olhar para trás. Era um homem que havia encontrado a paz que procurava há tanto tempo. Mas antes de seguir em frente, decidi visitar o lugar onde havia passado a maior parte de sua vida. Era uma pequena cidade no interior do país, onde todos se conheciam e as ruas ainda eram de paralelepípedos.

Ao chegar, foi direto para o cemitério, onde visitou o túmulo de seus pais. A saudade apertou em seu peito, mas ele sabia que precisava continuar. Ao sair do cemitério, viu uma velha casa abandonada que costumava ser um café. Decidiu entrar e lá encontrou a dona, que era uma senhora muito simpática.

Homem: Boa tarde, lembra de mim? Costumava vir aqui quando eu era criança.

Dona: Claro que lembro, você era um menino muito educado. Mas faz tanto tempo, como está agora?

Eles conversaram por horas sobre a vida, os sonhos e as escolhas que fizeram.

O homem percebeu que aquela senhora tinha um conhecimento e uma sabedoria que ele ainda não havia alcançado. Ao se despedir, ela lhe disse algo que ficou gravado em sua mente:

Dona: Não importa aonde você vá, o mais importante é quem você leva com você.

Partiu em silêncio, mas dessa vez com uma certeza no coração. Sabia que ainda havia muito a ser vivido, mas que carregava consigo a sabedoria dos que vieram antes dele.

Sei que o melhor de mim está por chegar. Talvez no futuro tudo mude, talvez este sofrimento que me atormenta acabe e me deixe, finalmente, viver com a harmonia que me foi prometida. Contudo, ao chegar à praia, esta pequena esperança desaparece. A minha realidade muda e consigo ver cada defeito do mundo e da vida.

A praia está calma, é outono, existindo poucas pessoas ao meu redor. Estou sentada na toalha, com os pés cobertos de areia e não consigo desviar o meu olhar do céu. Este está exatamente igual àquele dia. Ao dia em que a minha vida ficou virada do avesso. Lembranças começam a invadir a minha mente e uma simples lágrima escorre pelo meu rosto.

Percorro, então, a extensão de areia que me separa do mar e quando este finalmente me toca fico ali parada. Surpreendo-me ao reparar que o reflexo na água não era o meu. O mar mostrava-me uma inocente e humilde rapariga, com um sorriso contagiante.

Eu sabia que o mar era mágico! Mano! Mano, vem cá! Tu tinhas razão! As ondas, o mar, a água são fontes de pura magia! - grita ela entusiasmada.

Porém, “Mano” é a palavra que me assombra. A palavra que é dita tão calmamente por aquela rapariga de seis anos, falta, agora, na minha vida.

Ouvi dizer que não é só a água que está repleta de magia. Todas as plantas também a têm. Principalmente as flores! - Digo-lhe em segredo.

Ela desaparece com o mesmo sorriso que surgiu. Olho novamente para o arrepiante céu, pensando na palavra “mano” e no que este sempre me dizia: “Ama como a estrada começa.”

O tempo não existe é apenas uma convenção. Os dias tornaram-se mais longos e as noites mais curtas. Os dias parecem apenas uma mistura de uma mistura de acontecimentos e emoções que não nos levam a lugar nenhum.

Faz apenas uma semana desde que saí da casa dos meus pais e vim para outra cidade, nestes dias pouco ou nada tenho comido , mas não por falta de apetite e sim porque não consigo comer sem passar mal depois.

Hoje acordei bastante animada, eu sentia que algo estava para mudar. Arranjei-me e fui passear para o parque.

Ficar fechada em casa estava a tornar-se entediante. Avistei de longe uma grande árvore verde coberta de flores

brancas, chegava a parecer uma pintura de tão bela que era e, sem perceber, fiquei ali parada a admirar a árvore.

Tirei os sapatos. A textura macia da relva nos meus pés trouxe-me calma e o ar puro e refrescante à minha volta uma sensação de liberdade; o chilrear dos pássaros, a melhor melodia até aí escutada.

Não sei por quanto tempo fiquei deitada na relva , só sei que não tinha vontade alguma de voltar para aquele lugar desgastante a que costumam chamar “cidade”. Mas o tempo, sempre o tempo, avançava e eu tinha de regressar.

No caminho para casa, decidi passar pelo mercado. Enquanto fazia as minhas compras, passei por um corredor

onde a luz não chegava e as prateleiras estavam quase todas vazias. Não era uma situação normal, mas decidi ignorar até porque não devia ser nada de mais. Quando estava prestes a virar para outro corredor, reparei numa senhora idosa que apontava para o final do corredor escuro e vazio. Não entendi o seu gesto. Procurei um funcionário para auxiliar a senhora, mas ela entretanto desaparecera.

Quando saí do mercado, deparei-me com uma criança que parou à minha frente e me disse com um ar divertido que eu iria passar pelo” outro lado “ um lugar onde não existe tempo algum. Dito isto, começou a correr rua abaixo, nem me dando a oportunidade de lhe perguntar oque ela queria dizer com aquilo.

Na manhã seguinte, voltei ao parque, à bela árvore que descobrira no

dia anterior. Debaixo dela, estava a senhora que eu encontrara no mercado. Perguntei-lhe se lhe podia fazer companhia. Ela, por sua vez, ignorou a minha pergunta. Resolvi deitar-me na relva e acabei por adormecer. Escurecia quando despertei. O parque estava vazio, mas sob a árvore, permanecia a mesma senhora, que apontava firmemente para uma cabana de madeira no meio do parque. Uns segundos depois, levantou-se e foi-se embora sem dizer uma única palavra. Curiosa, dirigi-me à velha cabana erigida no meio do parque. Bati à porta. No seu interior estava a criança que encontrara e com quem tinha falado à saída do mercado. A criança sorriu, entregou-me um envelope e, de imediato, fechou a porta.

Abri o envelope, no seu interior encontrei uma espécie de mapa cujas coordenadas não me eram desconhecidas. Peguei no meu telemóvel e pesquisei as coordenadas na internet. Resolvi segui-las. Estas encaminhavam-me para o meu quarto.

Quando acordei estava no meu quarto o que era estranho já que eu não me lembrava de ter chegado a casa, mas quando me levanto da cama vejo que havia um envelope na minha mesa, o mesmo da noite anterior, então decidi voltar a pesquisar sobre aquela casa. Mais tarde eu decidí-lo ir até à casa misteriosa.

Ao chegar lá percebi que a rua era bem estranha, mas de certo modo aconchegante. Eu bati então à porta e uma senhora abriu-a depois de um tempo. Ela lembrava-me alguém mas não sabia quem exatamente. A mulher sorriu para mim e disse para eu entrar, eu fiquei um pouco insegura mas acabei por entrar e ela levou-me até uma sala muito bonita e decorada, quando nos sentamos eu perguntei quem ela era, mas ela apenas disse que isso não era importante e começou a contar-me histórias aleatórias, que de certa forma me eram familiares. Depois de uns minutos a falar sobre tudo um pouco, ela perguntou-me o que me levou até ela, e eu conto o que havia acontecido desde o mercado. Ela então disse-me que isso era efeito de um medicamento específico que andava a tomar para o apetite, eu fiquei assustada pois não tinha como ela saber sobre isso já que não lhe tinha contado nada. Depois disso ela pega

num papel e entregamo, nele estavam outras coordenadas e o nome de uma mulher, eu perguntei aonde isso iria me levar , mas ela apenas disse que eu iria conseguir ajuda neste lugar.

Desconfiada eu acenti, e ela deve ter percebido a minha dúvida em relação a isso porque disse-me o seguinte:

- Confia em mim, eu já passei por isso e sei como te estás a sentir. Se quiseres ajuda vai a este lugar e procura por esta médica ela irá ajudar-te.
- Isto é muito estranho, desde hà uns dias pra cá a minha vida tem sido muito estranha.
- Sim eu sei, mas vais conseguir superar tudo isto.

Após esta conversa eu não me lembro de mais nada, só sei que acordei no meu quarto como se nada tivesse acontecido. Mais tarde eu decidi passar pelo lugar que aquela mulher me tinha indicado, só para matar a curiosidade. Quando cheguei lá perguntei a um funcionário se havia aqui alguma mulher com o nome que a senhora me havia dito, ele disse que sim e levou-me até ela. Quando chegá-mos a médica perguntou-me o que me levou até ela, e eu contei tudo o que havia acontecido desde o dia do mercado. A médica fica espantada ao ouvir a minha história, e eu perguntei o porquê , foi ai que ela me disse que à uns anos atrás uma menina parecida comigo tinha ido ter com ela e contou exatamente a mesma história. Ao ouvir isso eu fiquei confusa, mas decidi ignorar isso. Ela então disse que podia ajudar-me com o meu problema de apetite e eu fiquei muito feliz ao ouvir isso. Ela deu-me algumas dicas que me podiam ajudar entre outras coisas , e no final marcámos uma consulta para o próximo mês.

Passou-se um mês desde que tudo aquilo aconteceu e eu venho me sentido muito melhor, hoje é a consulta com a médica e eu estou muito ansiosa. Quando cheguei lá nós conversámos um pouco e depois a médica pediu para eu ir me pesar na balança, e quando eu vi os números abaixo de mim eu fiquei muito feliz com oque estava a ver. Tinha ganhado peso.

Tinha ganhado peso.

No entanto não o impediu de vir até mim para pedir esmola.

Aqueles cabelos compridos e sujos eram repulsivos, mas tinha de o ajudar.

Afinal é o meu dever como cidadão e como pessoa.

Ele não me parecia um drogado, portanto pareceu-me correto, no entanto nada do que ele dizia fazia sentido.

Não parava de falar sobre a crise económica de 2047 e eu, que vivo no presente, não percebi porque falava ele de assuntos tão distantes.

Não lhe dei muita importância de início. Afinal, às vezes as pessoas sem abrigo ficam sozinhas durante muito tempo e não me admirava se ficassem loucas.

Ele não parava de insistir, e não parava de dizer coisas demasiado pessoais.

E foi nesse momento em que aquele estado de irrelevância mudou que comecei a ficar assustado.

Foi aí que decidi falar com ele.

- Como é que sabes esse tipo de informação, meu!
- Estou aqui para vos avisar do que vem aí e como a nossa família vai penar.
- A menos que queiras comer uma sandes de punho clássica, sugiro que deixes de falar sobre a minha família e de assustar estas pessoas.
- A guerra em específico vai-te lixar todo. Espero que te lembres de mim quando isso acontecer.

Deixei de falar com ele. Já estava a ficar chateado.

Ele estava na crise e passou para Guerra.

Em que ficamos?

O mentiroso precisa de ter boa memória.

O mentiroso precisa de ter boa memória. Mentir é uma arte, um engenho. Mentir converte-se num jogo de memória constante, num puzzle infinito montado para uma nova realidade. Um lapso, uma falha, um pequeno pormenor destorcido e a nossa memória apanha-nos e, mentir, transforma-se num labirinto incontrolável no qual até o mentiroso se pode perder. Esta expressão descreve perfeitamente o seguinte acontecimento.

Não me quero induzir em erro, mas penso que aconteceu numa tarde, quando ia de metro para casa. Estava eu sentado, com um lugar vazio mesmo do meu lado, a olhar pela janela e a pensar no futuro.

Subitamente, um homem de cabelo grisalho e casaco de couro castanho, entra e senta-se ao meu lado. Durante uns momentos, ninguém disse nada, um silêncio profundo entre nós que só era interrompido pelo barulho das linhas do metro. Este é quebrado quando o homem se dirige a mim e pergunta em que escola estudo. Ao início, hesitei, mas, mesmo assim, respondi à pergunta. Nisto criou-se um diálogo, onde me fez várias perguntas relacionadas com a escola. Porém, a última pergunta que fez, surpreendeu-me:

- E já tens o teu futuro em mente?
- Sim. Já sei o que quero ser e fazer quando crescer.
- Tens a certeza?
- Sem dúvida.

Dito isto, o metro para e o homem levanta-se e sai, sem se despedir. Fico eu de volta ao meu pensamento, porém, este era agora diferente. Não pensava mais no futuro, mas sim se o que eu lhe disse era verdade ou mentira. “Teria eu mesmo certeza do meu futuro?”.

De repente, ao barulho do metro e das pessoas, abro os olhos. “Seria tudo aquilo um sonho? Seria apenas a minha imaginação? Lembrar-me-ia, mais tarde, deste encontro?”. Confuso e pensativo, levanto-me e vou para casa. Não havia forma daquilo ser real.

Hoje é dia 7 de fevereiro de 2.095, dia do meu aniversário, o que significa que eu vivi 26.298 intervalos de 24 horas. 26.298 dias passados, que nunca serão recuperados. 26.298 dias usados para simplesmente viver, respirar e pensar. Tempo que um simples ser vivo, num planeta qualquer, num universo infinito, teve a chance de uma em infinitas possibilidades de existir. E por que eu? Probabilidades completamente aleatórias me colocaram no aqui e no agora e o que eu fiz para estar aqui. Nada. Absolutamente nada. E agora aos meus plenos 72 anos, próximo do tão temido “fim”, eu me questiono no que

diabos eu fiz esse tempo todo. Eu me tornei apenas mais um no meio dessa “gentezinha”, um completo ordinário, que a cada passo se amedrontava com a textura inconsistente do solo, angustiado com o medo de falhar. Agorafóbico.

**ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO FERNÃO MENDES PINTO
ALMADA**

Docente

Maria Joaquina de Matos

Alunos que integraram o Projeto (Turma: 10º2)

Afonso Contente

Ana Mendes

Bruno Coelho

Carolina Pina

Diogo Pereira

Duarte Costa

Fábio Pereira

Filipe Gomes

Francisco Matos

Gonçalo Vieira

Henrique Martins

Inês Sequeira

Lara Lourenço

Leonardo Brito

Luísa Montezuma

Madalena Almeida

Marcos Mavungo

Marta Cruz

Matilde Araújo

Pedro Pires

Rodrigo Batina

Santiago Amaral

Ana Augusto

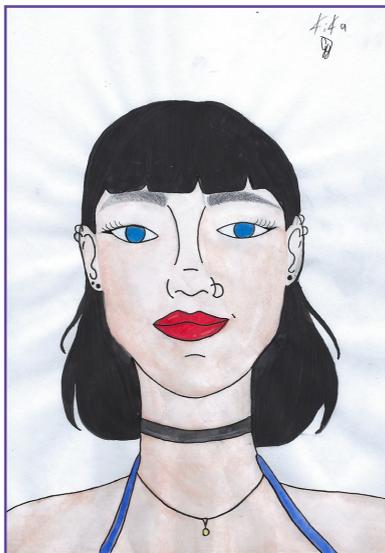
Gabriela Adães

Inês Barata Raposo (Castelo Branco, 1990) é a autora do romance juvenil *«Coisas que Acontecem»*, distinguido com os prémios Branquinho da Fonseca 2017 e Tábula Rasa 2019, e selecionado para o catálogo internacional White Ravens 2019.

Em 2022, venceu o Prémio Literário Maria Rosa Colaço com o original juvenil *«Quarto Escuro»* (no prelo).

Estreou-se na literatura infantil em 2023 com *«O Efeito Bola de Menta»* (no prelo). Todos os seus livros são editados pela Bruaá.

UMA QUESTÃO DE PERSPETIVA



Olho para o relógio e nem quero acreditar que ainda faltam quarenta e cinco minutos para a aula acabar, quarenta e cinco minutos para ouvir a correção de um teste que, na pior das hipóteses, daqui a uma semana já terei esquecido. São dois mil e setecentos segundos a ouvir as lamúrias do professor.

Ao longe, oiço qualquer coisa sobre sermos uma turma com potencial, que está a perder propriedades a cada ano. Dava tudo para poder levantar-me sem pedir autorização, dar uma volta para espairecer. Um café acabado de tirar na máquina, um *scroll* infinito no *Insta* e a minha manhã melhorava.

Cruzo o olhar com o professor. Por uns instantes, penso se me está a sorrir porque consegue ouvir os meus pensamentos. Talvez também ele gostasse de sair

da sala para aterrar num cadeirão e perder-se num mar de caféina e redes sociais.

Quando toca para a saída, a quase-negativa que acabei de receber paira à minha volta como uma nuvem. Eu não ligo a estas coisas, o problema é mais lá em casa. Os meus pais não perdem uma oportunidade para jogarem comigo ao Progenitores Preocupados *versus* Prole Perdida, um divertimento passado de geração em geração desde as minhas tetravós. A dinâmica é sempre a mesma e no final ninguém ganha.

Ao sair da sala, reparo que a Maya e a sua amiguita-qualquer-coisa vão disparadas para a casa de banho. Curiosos, os meus pés decidiram segui-las.

O que aconteceu depois é público. Alguém escondido na casa de banho gravou um vídeo e divulgou-o no *Instagram*. Escuso de cansar as minhas células cerebrais a tentar explicar, está lá tudo. Se as pessoas não querem entender o que fiz e porque o fiz, o problema é delas.

O vídeo já correu meia escola, quando encontro o Guilherme à saída. As notificações estão a dar uma festa no meu telemóvel, perdido algures entre os meus cadernos. O drama aborrece-me. De repente toda a gente quer ser salvadora da Maya.



O Guilherme, por sorte, é demasiado *cool* para as redes sociais. A probabilidade de ter visto o vídeo é quase nula.

– Então como é que correu o teu dia? – pergunto.

Aprendi num *reel* que é a melhor forma de mostrarmos preocupação com os outros.

– A minha mãe vai me matar... tive nega a inglês.

– Já somos dois a caminho da fogueira. Tive dez a psicologia, lá se vai a minha média mais um bocado.

– Pelo menos não é negativa. Tu melhoras isso, na boa. O teste era muito difícil?

– Se era! Toda a gente teve má nota... menos a Maya, claaaaaaro - comento, sem tentar disfarçar a irritação.

– Acho que não conheço.

– Conheces, pois, é aquela que veio de África.

– Ah, queres dizer que é a tua colega que veio da Guiné, certo?

– Deve ser, tanto faz.

– Boa, então está-se a adaptar bem.

– Adaptar-se bem? Devias ouvir o sotaque dela a ler...

– Deixa-te disso. Não pode ser assim tão mau, imagina-te a mudar de país.

– Mau? Mau é o cabelo dela. Tanto volume irrita-me.

– O que é te irrita mesmo? O cabelo ou o facto de ela ter tido melhor nota que tu?

– Mas tu afinal estás do lado de quem?

– Lado? Não sabia que havia lados.

– Sim. O meu e o dela. Deixei isso bem claro ainda agora – sublinho.

– Como assim? O que é que fizeste?

– Tu não estavas lá...

– Lá onde? – pergunta o Guilherme.

– Na casa de banho.

Deixo o Guilherme especado a olhar para mim e vou à minha vida. Que estupidez a minha pensar que um rapaz podia entender.

Sozinha, enquanto caminho até casa, vou fazendo um resumo mental do dia.

Primeiro, matemática. Falámos sobre... hum... funções? Ou terá sido geometria? A professora insiste em perguntar-me pelo ângulo disto ou daquilo; parece ter prazer em chamar-me ao quadro e ver que não sei as respostas. Chamem-me obtusa, mas os únicos triângulos interessantes são os amorosos. E mesmo nesses convém que eu esteja numa das pontas.

Depois foi português. Duas horas de tortura, de sussurros sobre a importância do «contexto sociocultural» em que os livros são escritos. E claro que fui a felizarda vencedora do sorteio para resolver o TPC, que não tive tempo de fazer. Ugh, sou sempre eu! Parece que todos os professores desta escola têm algo contra mim. Desculpem lá se estive super ocupada, sim?

O último tempo: psicologia. Recebi o meu nada impressionante dez. Já sei que devo explicações aos meus pais, nem sempre me desenrasco com o clássico «o teste era mesmo difícil». Vai ser preciso puxar de outro argumento, desta vez até nem é mentira. «Toda a turma teve má nota, em comparação a minha nota até nem é péssima», hei de dizer.

Pelo que ouvi durante a aula, mesmo antes de entrar na casa de banho e de tudo começar a descambar, houve vários oitos e cincos. Só mesmo aquela Maya para tirar um 18, mas ela é uma exceção. Nem vou trazê-la à conversa.



Tentei logo falar com a Madalena. Em poucos minutos, a escola inteira já sabia do sucedido. Somos amigos há anos e nunca me tinha apercebido que ela podia ser tão cruel. Não é preciso conhecer a Maya para saber que o que a minha amiga lhe disse na casa de banho é errado, racista mesmo.

Vi a Madalena à porta da escola a falar com o Guilherme e não tive coragem de me intrometer. Tinha o estômago a dar horas, em casa esperava-me uma refeição saborosa. Pensei: posso sempre passar por casa dela mais tarde. A conversa que queria ter merecia esse nível de privacidade.

A primeira pessoa que me acolheu quando aterrei nesta escola foi a Madalena. Alfacinha desde o berço, não conhecia ninguém nesta cidade a que agora chamo minha. Demorei semanas a saber o nome dos meus colegas de turma, a falar nem que fosse dos trabalhos de casa. Receava que, ao falarem comigo, ouvissem os defeitos que aponte à escola e à cidade no dia que os meus pais anunciaram a mudança. Viemos por arrasto do emprego da minha mãe, num movimento inverso ao que a maioria faz: da capital para a província.

Por intuição, ou porventura por sorte, a Madalena viu além da minha timidez, que não era mais que uma certa arrogância que, aos poucos, se estava a diluir. Digo sempre que foi ela que me escolheu: veio ter comigo num intervalo e perguntou de onde era o meu blusão. Ficámos amigos. Quase ninguém gostava dela, apesar de todos a conhecerem. Ainda hoje, sinto-me em dívida.

Ao mesmo tempo, devo-lhe a minha honestidade. Era bom que entendesse o que fez. Ao final da tarde, vou visitá-la. Tem de me ouvir, é isso que os amigos fazem. Sou mais que um acessório para *selfies*, danças e saídas.

No caminho para casa da Madalena, ensaio o que lhe quero dizer. A atitude dela foi inadmissível. No mínimo, tem de entender que deve um pedido de desculpas à Maya.

A Madalena tem um feitio forte, diz o que lhe vem à cabeça, sem pensar duas vezes. Isso não é necessariamente mau, certo? É verdade, em todo o caso, que ela tem atitudes estranhas. Mesmo com as pessoas de quem gosta.

Um dia, fomos experimentar roupa ao centro comercial e ela passou a tarde

a comparar o meu estilo à forma como as pessoas em situação de sem-abrigo se vestem. Apesar de desconfortável, não fui capaz de dizer que não achava piada. Para não a chatear, escolhi o silêncio, convenci-me que era só mais uma brincadeira parva.

A vivenda dos pais da Madalena é um paralelepípedo de cimento moderno: tem portão automático, relva sempre acabada de cortar e paredes brancas. Podia ser a casa de um jogador de futebol.

O senhor Antunes abre-me a porta. Enquanto passa a mão pelas madeixas cãs, suspira. Recebeu uma chamada da direção da escola e está desiludido por terem dado seguimento a uma queixa «absolutamente injustificada» contra a «nossa querida Madalena», conta-me.

Até podia chamá-lo à razão, mas não vale a pena discutir com adultos, são teimosos, julgam que têm sempre razão. Não vou ser eu a fazê-lo ver a gravidade do que a filha fez. Muito menos, vou ser eu a apontar que também ele tem responsabilidades nisto. Já jantei em casa da família Antunes vezes suficientes para saber o que pensam. E pior, o que dizem, sempre que passa uma notícia sobre emigração na televisão.

Subo as escadas e encontro a Madalena deitada na cama em frente ao computador. Ainda não tirou o telemóvel da mochila.

– Se é por causa do vídeo, não quero saber – reclama logo. – Já ligaram da escola a chatear o meu pai.

– Faz *play*, vamos ver os dois.

– Anda lá, Mad.

– Esquece, Ricardo.

– Anda lá, vê aqui comigo no meu.

Sento-me na beira da cama, puxo-a para junto de mim e faço *play* no meu telemóvel. Cada segundo do vídeo atesta a prestação lamentável da Madalena. Pergunto-me se a rapariga enfadada ao meu lado, abraçada a uma almofada de pelo cor-de-rosa, está a ver o mesmo que eu. Mal o vídeo termina, diz:

– Como eu tinha dito, nada de mais aconteceu! A miúda estava a pedi-las. Pode ser que ela perceba que não é bem-vinda.

A expressão na minha cara deve dizer «só podes estar a gozar», sem palavras. Como resposta, recebo um «estou a falar muito a sério». A Madalena endireita-se. Lança-me um olhar felino que insinua: «Mas há algum problema?»

Nervoso, resguardo-me no discurso que preparei de antemão:

- Madalena, o que tu fizeste é racismo. É errado. Não percebes isso? A Maya não tem nada de diferente de nós. Porque insistes em fazê-la sentir-se mal?
- digo, meio a gaguejar.

É evidente que a Madalena não gosta da Maya.

- Ela traz problemas e um dia ainda me vais dar razão.

Nenhuma razão que a Madalena dê é válida. A minha amiga tenta encontrar justificações, mas a defesa nunca foi o seu forte. Gostava de a desculpar, mas há um limite para as barbaridades; está demasiado apaixonada pelo seu pequeno umbigo.

- Vou-me embora. Não estou para aturar atitudes destas – digo.

- Oh, não sejas tão sensível! Ela nem aqui está!

Pois não, a Maya não está ali. E que diferença faz? As palavras não são como as árvores que só caem na floresta se houver alguém para as ouvir. As palavras são dentes-de-leão que sopramos sem saber onde vão aterrar.

Se não consigo mudar o pensamento retrógrado da Madalena, posso sempre ficar do lado certo. No caminho para casa, tiro o telemóvel do bolso e começo a escrever uma mensagem: «Olá, Maya. Sei que não nos conhecemos muito bem, mas se quiseres falar (ou só dar uma volta no centro comercial), amanhã tenho a tarde livre.»



Naquele dia, a natureza vestia lilás ao melhor estilo da primavera. Flores desabrochavam nos canteiros da escola, vigiadas por abelhas diligentes. O sol tinha feito evaporar qualquer vestígio do inverno; os menos friorentos estreavam os primeiros *tops* de alças e calções do ano.

A felicidade que despontava lá fora contrastava com o estado de espírito da turma. Tinha ocorrido uma autêntica derrocada nas notas, pairavam negativas baixíssimas. Em toda a turma, somente eu consegui manter-me acima dos 18 valores. Recebi a boa notícia com a maior discrição possível.

O ambiente da sala não estava para celebrações.

– Dez... só dez, como é possível? – disparou a Madalena, mal o teste aterrou à sua frente. – Eu sabia a matéria toda.

– Menos, Madalena. O teste correu mal a todos – alguém atirou da última fila.

– Parece que nem todos – disse a colega sentada atrás de mim. – A Maya teve 18,7.

Por alguns segundos, faltou-me o ar. Dispensava este tipo de atenção: eu era nova na turma (na escola, na cidade, no país, se quisermos ir por aí) e ainda não tinha encontrado o meu lugar.

Umás carteiras ao lado, observei a reação da Madalena:

– Impossível – exclamou, de forma bem audível.

Até os colegas da última fila se assustaram com aquela intromissão.

– Ouviste bem, foi essa a nota que ela teve. Estás com inveja, Madalena? – perguntou um deles.

– Inveja é um sentimento que não sinto. Na verdade, até o desconheço. Ela só teve sorte, como é óbvio.

Deixei passar, em poucos minutos voltaria a ser invisível. Não era a primeira vez que ouvia bocas deste género, a Madalena que ficasse a falar sozinha. Acalmei a parte de mim que queria levantar-se e dizer com todas as letras: «dis-cri-mi-na-ção comigo não».

Ainda para mais, sentada ao meu lado, tinha a Eli, a minha melhor amiga, à beira de um ataque de nervos.



– Oh, Maya. Tive uma nota tão horrível, só me apetece chorar! Preciso mesmo que me acalmes.

No meio disto, o professor de Psicologia lá arranhou a garganta e chegou-se à frente com um sinal que estava prestes a assumir o controlo da aula.

Eu e a Eliana ficámos, por isso, de falar no final. Assim que tocasse, dávamos um pulo à casa de banho para refrescar a cara e definir um novo plano de ataque para subir a nota dela: se o estudo não tinha resultados, era hora de subirmos a parada para o marranço.

Estava longe de imaginar que a história das notas ainda não tinha acabado.



Não sei o que me deu para pegar no telemóvel e começar a gravar. Acho que no começo a minha intenção era a melhor. Sei o que é ser alvo de *bullying*, a angústia e a impotência que nos colam os olhos e a sola dos ténis ao chão. No meu caso, era pior na escola primária. Pertenci durante algum tempo ao grupo dos excluídos por serem apenas diferentes. Guardo os nomes que ouvia todos os dias. Baixa, anã, meio metro, mínima, tantos outros.

Agora que fala do alto da minha vida adulta é fácil ver como as crianças têm um faro tão apurado para a diferença. Conseguem detetá-la na bainha subida de um vestido, numa manga demasiado comprida, num par de sandálias quatro tamanhos abaixo da média.

Desde pequena, habituei-me a andar na sombra. Sou uma pessoa discreta, daquelas em que ninguém vai reparar mesmo que tente juntar-se à conversa. Dei um pulo de vários centímetros algures no meu quinto ano. Mas já era tarde para apagar a experiência de quatro anos a ser arranhada por vexames, insultos. Em vez de garras próprias, afiei a minha invisibilidade nas paredes da escola.

Não admira que as miúdas não tenham dado por mim na casa de banho. Eu já estava no cubículo, de porta entreaberta, a tentar decidir se valia ou não a pena sair para enfrentar a selva do intervalo.

Nos dias em que a minha ansiedade batia recordes, confinava-me no WC das raparigas, enquanto fazia tempo de aula em aula.

Primeiro entraram só duas, vinham animadas. Uma delas tinha tirado um notão num teste. A outra tinha recebido uma das mil negativas como o resto da turma.

- Deixa lá, não é o fim do mundo. Estudamos juntas e o próximo teste corre melhor – sugeriu a boa aluna.
- Oh, Maya. Espero mesmo que sim! – respondeu a amiga.

Uma terceira rapariga, cujo nome toda a escola sabia pelos piores motivos, entrou nesse momento. Era confusão da cabeça aos pés, com um sorriso maldoso a compor o boneco.

- Sempre muito certinha, sempre muito amiga. Nunca te cansas de ser boa menina? – perguntou à rapariga estudiosa.

Vindo do nada, o comentário sobressaltou as duas amigas. Em menos de um segundo, ficaram petrificadas a olhar para a Madalena.

Na altura, pareceu-me sensato abrir um pouco mais a porta do meu cubículo e começar a gravar com o telemóvel.

- O que fazes aqui!? – perguntou a que tinha tido negativa.
- Que eu saiba a casa de banho ainda é pública. Pelos vistos, agora é um lugar de consolo para idiotas.
- Madalena, estás a ir longe demais! – disse a boa aluna.
- Cala-te. Já me tinha esquecido como és fácil de esquecer quando tens uma parede preta atrás de ti.

– Só sabes fazer barulho, Madalena.

As duas amigas pareciam querer parar as palavras com o corpo, mas não eram balas que ali se disparavam. Por instinto, deram as mãos.

– Esquece, Eli. Ela não quis dizer isso.

– Não tentes distorcer o que disse. É a mais pura verdade. E a pior parte nem é a cor de pele. Já te olhaste ao espelho? Esse cabelo parece uma esponja de aço, que antiquado – replicou a Madalena.

A conversa, se é justo chamar a tudo isto de conversa, não durou muito mais. Os insultos subiram de tom e as duas amigas saíram da casa de banho quase a correr, sem alimentar a agressora.

Não foi a primeira vez que o racismo e a discriminação furaram os muros da escola, o lugar onde era suposto todos nos sentirmos seguros, bem-vindos. O preconceito respondia à chamada fora das salas de aula. Melanina, sotaque, peso, altura, interesses amorosos, tudo se fazia pagar no recreio.

Parei de filmar. No minuto seguinte partilhei o vídeo no *Instagram*. A publicação recebeu uma chuva de comentários e corações vermelhos. As pessoas estavam mesmo a gostar daquilo (de mim?).

Já passaram mais de cinco anos desde esse dia e ainda não consigo justificar o meu gesto. É pouco dizer que não estava a pensar, que me sentia sozinha, que procurava atenção.

Quero acreditar que comecei a gravar com a intenção de, mais tarde, mostrar à diretora de turma e, quem sabe, assim terminar o reinado de agressão, discriminação e *bullying* da Madalena.

Pelo caminho, entre clicar «gravar» e clicar «partilhar», perdi-me. Talvez tenha querido experimentar o outro lado? É indiferente, nada do que aconteceu é uma questão de perspetiva.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE SANTA COMBA DÃO

Docentes

Maria Isabel Ferreira
Ana Isabel Craveiro (*Professora bibliotecária*)
Carla Fernandes (*CIBE*)

Alunos do 10º C

Ana Beatriz Borges
Diana Prata
Fabiana Antunes
Fanny Vieira
Gabriel Aurelio
Gabrielly Silva
Gustavo Santos
Iris Rebelo
Lara Silva
Leonor Diogo
Lourenço Rodrigues
Luana Fonseca
Maria Francisca Cardoso
Mariana Branquinho
Matilde Fernandes
Miguel Ferreira
Nicole Neves
Francisco Almeida

ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA

Alunos

Afonso Carvalho (*10.º C*)
Byanca Sousa (*12.º E*)
Giovana Silva (*10.º C*)
Janeth João (*12.º E*)
Joana Prado (*10.º F*)
Mariana Morais (*11.º C*)
Tomás Francisco (*12.º E*)

Nuno Matos Valente é autor de manuais escolares desde 2009. Publicou a coleção juvenil «*A Ordem do Poço do Inferno*» (de 2012 a 2016) e a coleção infantil «*Os Guardiões do Planeta*» (de 2020 a 2023), ambas recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura. Escreveu o «*Bestiário Tradicional Português - As Criaturas Fantásticas do Imaginário Popular*» (2016).

Em 2019 recebeu uma Bolsa de Criação Literária da DGLAB da qual resultou a obra «*O Segredo da Lagoa Escura*», publicada em 2022 pela Bertrand. Além professor, é fundador e editor nas Edições Escafandro.

OS UNIVERSOS PARALELOS

Este conto é composto por várias histórias e deve ser lido de uma forma especial:

No final de cada pequeno capítulo, por vezes são-te dadas duas opções, leitor, em que podes escolher para onde queres que a história se dirija. Faz a tua opção e folheia até encontrares o número que lhe corresponde. Quando tiveres chegado ao final de uma das histórias, podes recomeçar e escolher outros caminhos, outras histórias, outros finais.

1

“O despertador? Já? Detesto o seu apito horroroso. Todos os dias a mesma coisa, já não aguento. Se calhar hoje fico na cama. Deixo-me estar, só mais um pouco. Se chegar atrasada ao trabalho, paciência. Por outro lado, não devia... o meu chefe vai passar-se comigo”

Se queres que se levante da cama, segue para 2

Se queres que continue a dormir um pouco mais, segue para 3

2

Acordei às cinco e meia e deixei-me ficar cinco minutos na cama, sentada, a olhar para o chão. A contemplá-lo. Não estava chateada, nem com sono, nem feliz ou triste, simplesmente estava ali sentada a contemplar o chão. Quando saí do transe, deixei-me estar sentada com o telemóvel, no *Facebook*, mais uns cinco minutos. Lá me levantei, fui ao armário e escolhi a minha roupa para esse dia. Escolhi umas calças de ganga largas cinzentas e uma blusa preta e, depois de me vestir, abri os estores e reparei que estava um dia nublado, chovia um

pouco, mas não estava frio. Parecia mesmo que o dia estava a combinar com o meu humor.

Refleti sobre o que se estava a passar comigo enquanto fazia a cama e arrumava o quarto, mas não cheguei a conclusão nenhuma. Preparei a minha mala para o trabalho e, entretanto, como já eram seis e vinte, fui fazer o pequeno-almoço. Enquanto comia, observava através da janela da cozinha a chuva a cair e foquei a minha atenção nas gotas que escorriam do lado de fora do vidro, esquecendo-me da série que tinha posto na televisão. Sentia-me off. Depois de comer fui pôr comida na tigela do Spooky. Arranjei o cabelo, lavei os dentes, pus desodorizante, vesti um casaco de cabedal preto comprido e calcei umas botas de salto alto de pele. Peguei na minha mala e nas chaves do carro, fiz uma festinha ao Spooky e preparei-me para sair.

Se queres que vá trabalhar, segue para 4

Se achas que ela se esqueceu do fogão ligado, segue para 5

3

Já estava acordada há algum tempo e, de todas as opções que tinha sobre o que fazer com a minha vida, decidi ficar na cama. Continuei deitada de barriga para cima, com a cabeça apoiada em duas almofadas, uma verde e outra branca. Sentia o corpo dorido e as costelas em brasa. A almofada verde combinava com todas as plantas que eu tinha espalhadas pelo meu quarto e com uma das quatro paredes, em tons de verde lima, o que tornava tudo mais vivo. Os outros móveis, como a cama em que eu estava deitada, a secretária ao lado da cama e a sapateira logo à entrada do quarto, eram castanhos claro, mas não lisos, e sim com uma textura de madeira.

Poderia estar deitada na cama a pensar no que iria comer ao almoço, na minha vida amorosa, na próxima viagem que iria fazer, mas tudo aquilo em que conseguia pensar era no meu emprego e em como as coisas não estavam a correr como tinha planeado. Eu não queria receber um aumento nem nenhuma promoção, não queria ser mais do que os outros. Apenas queria ser

reconhecida por aquilo que eu fazia, receber mérito pelas minhas ações. Os meus pensamentos melancólicos não combinavam nada com o ambiente alegre e pacífico que o quarto transmitia, apesar da desarrumação, que se devia ao tempo que eu passava a trabalhar.

Estava a olhar para uma das minhas plantas, pousada na estante branca (era a minha planta favorita) enquanto tentava pensar em como podia resolver os meus problemas. Mas tudo aquilo que conseguia era imaginar uma discussão, entre mim e o meu chefe, que acabava numa luta de *Wrestling* onde eu, claramente, ganhava, mas depois era processada por ter espancado o meu patrão em pleno local de trabalho. Talvez eu devesse parar de pensar tanto nas coisas e agir mais. Talvez ficar calada a pensar, em vez de me expressar, fosse o meu maior problema.

Se achas que a Lúcia se levanta duas horas depois, vai para 6

Se achas que a Lúcia se levanta e vai comprar uma revista, vai para 7

4

Saí de casa a correr, porque já estava atrasada. Entrei no carro, circulei poucos metros e logo fiquei presa no trânsito, a ouvir a RFM e a observar o caos instalado. Sentia-me muito irritada, porque tinha pressa de chegar ao trabalho. Após várias buzinas, decidi abrir o vidro do carro e senti um cheiro intenso a monóxido de carbono. Comecei a gritar com um senhor, já com respeitável idade e que, devido ao seu estado físico, não parecia ter a destreza necessária para andar no trânsito caótico:

– Você já não devia conduzir! Graças a pessoas como o senhor vou chegar, novamente, atrasada ao trabalho. Se continuar assim, vou para o desemprego!

Percorri mais uns metros e, passados uns minutos, voltei a exaltar-me, desta vez, com um jovem que devia ter a carta de condução há pouco tempo:

– Ó rapaz, podes ser habilidoso para muita coisa, mas não é a conduzir, de certeza! Se queres brincar à condução, vai para a feira popular conduzir carrinhos de choque! Palhaço!

Quase a chegar ao meu local de trabalho, fui mandada parar pela polícia,

numa operação de trânsito. Fiquei ainda mais irritada, por perder mais tempo.

O polícia, muito sério, aproximou-se da janela.

– Bom dia! Preciso de ver o seu documento de identificação e os documentos da viatura.

– Está longe de ser um bom dia! – respondi.

Entreguei o cartão de cidadão e a carta e abri, de forma abrupta, o porta-luvas. Preparava-me para entregar os documentos do carro ao polícia, quando exclamei:

– Senhor agente, era capaz de jurar, pela saúde da minha mãe, que tinha os documentos do carro no porta-luvas.

O polícia interrompeu-me:

– Minha senhora, lamento, mas de juras está o inferno cheio! Como deve compreender, terei de a multar.

Praguejei em silêncio, mas paguei a multa de imediato para poder prosseguir viagem. O resultado? Um grande atraso.

Se achas que a Lúcia vai chegar tarde ao trabalho, vai para 10

Se achas que a Lúcia vai escorregar na rua, segue para 11

5

O que eu não sabia, naquele momento em que me preparava para sair, é que o dia ia correr mesmo muito mal. Estava tão distraída que não notei o cheiro peculiar que pairava por toda a minha casa. Era um odor forte, como uma junção entre químicos e o cheiro a queimado. Abandonei o meu quarto, assustada e fui procurar de onde viria o cheiro, até que entrei na cozinha e vi o que tinha feito: tinha-me esquecido de desligar o fogão depois do pequeno-almoço.

Se achas que a Lúcia deve telefonar para os bombeiros, segue para 8

Se achas que a Lúcia deve ir buscar água ao rio, segue para 9

| 6 |

Se queres que esteja a nevar, vai para 12

Se queres que a Lúcia fique em casa e peça comida, vai para 13

| 7 |

Independentemente do tamanho da preguiça que senti naquele momento, decidi ser responsável e levantei-me. A primeira coisa que fiz foi pegar no meu telemóvel e verificar se tinha alguma notificação por ler. Acabei por ver que as únicas notificações que tinha no telemóvel eram um lembrete de uma aplicação onde se lia “Já bebeu água hoje?” e também uma notificação de uma revista de moda que tinha subscrito há pouco tempo, a lembrar-me que a sua nova edição já estava nas bancas. Nunca tinha sido uma mulher muito vaidosa, mas a partir do momento em que encontrei aquela revista online, fui me preocupando mais com o meu visual e também fui encontrando formas de realçar a minha beleza natural. Com certeza não o fiz para impressionar os outros, não se enganem, mas sim para me sentir mais autoconfiante. Vou ser sincera, vi resultados, e quando descobri que o quiosque da praça perto da minha casa vendia essa revista, fiquei mesmo ansiosa para a comprar e para a ler. Quando cheguei ao fim das notificações, risquei essa tarefa da minha *To-do list* imaginária e dirigi-me ao meu roupeiro. Tentei encontrar uma roupa que me desse um ar relaxado, mas também um ar de alguém que se tinha esforçado para estar bonita, percebem? Depois de algum tempo a avaliar as minhas opções, escolhi um vestido verde. Sempre me disseram que o verde combinava com o meu tom de pele, por isso decidi experimentar, complementando o meu visual com um colar e uns brincos dourados.

Dirigi-me à cozinha e procurei nos armários alguma coisa para comer que não demorasse muito tempo a preparar. Acabei por barrar um pouco de *Nutella* num *croissant* e por encher a minha garrafa de água. Comi o *croissant* à pressa, mas suficientemente devagar para conseguir apreciar o doce sabor da manteiga de cacau com avelã. Escolhi uma mala que combinasse com a cor do meu vestido, calcei-me e saí de casa.

O quiosque era apenas três ruas abaixo da minha, por isso não vi necessidade em ir de carro. Caminhei pela estrada perpendicular a estas três ruas, a minha e as outras duas entre a minha e a praça, e fui cumprimentando os vizinhos que encontrei pelo caminho. Quando cheguei à praça, apressei o passo, mas, mesmo assim, consegui controlar-me ao ponto de não começar a correr como se fosse uma maluquinha. Cumprimentei o dono do quiosque e pedi-lhe a revista:

– Bom dia, Sr. Vítor. Era apenas esta revista, se faz favor.

– Bom dia, Lúcia. São seis euros – disse-me com um sorriso no rosto.

– Aqui tem. Obrigada e resto de bom dia – despedi-me, acenando como se fosse uma criança a quem tinham acabado de oferecer um doce.

– Resto de bom dia para ti também, Lúcia – respondeu, acenando-me de volta.

Afastei-me do quiosque com um sorriso, a pensar nos diversos conteúdos que eram capazes de constar naquela revista, mas os meus pensamentos foram interrompidos pelo vislumbre de uma cara conhecida.

Se achas que a Lúcia encontrar o ex-namorado, vai para 14

Se achas que a Lúcia vai encontrar o chefe, segue para 15

8

Corri até à porta de entrada em busca de alguém que me pudesse ajudar e encontrei um dos meus vizinhos que acabara de chegar do trabalho. Disse-lhe, num pranto:

– Senhor Rodrigo, deixei o fogão de minha casa ligado e distraí-me umas coisas e agora a minha casa está a arder! Ajude-me por favor, não sei o que fazer.

– Respire, menina! Vamos ligar para os bombeiros e tudo se irá resolver. – respondeu o senhor Rodrigo, aterrorizado com a ideia de um incêndio alastrar pelo prédio.

– Vou buscar o meu telemóvel para ligar aos bombeiros. Entretanto, procure o extintor do piso, talvez ajude!

Com a ajuda do senhor Rodrigo, fiquei mais calma, e telefonei para os bombeiros:

- Boa tarde, há pouco estava a cozinhar e sem me aperceber deixei o fogão ligado. Só agora é que notei o que tinha feito e o meu apartamento já está a arder! Ajude-me por favor, vivo na Rua António Vilar, nº23, 3ºE.
- Obrigada pela sua chamada, minha senhora, a nossa equipa está a caminho.

Vai para 16

| 9 |

Comecei logo a reclamar comigo mesma:

“Ai, Lúcia, que desastrada! Como é que te esqueceste de desligar o fogão? Então e agora?”

Não sabia o que fazer, comecei a entrar em pânico enquanto o fumo começava a acumular-se na cozinha. Tinha de arranjar uma solução. Sabia que precisava de agir depressa, pois o tempo era escasso e a situação poderia piorar muito rapidamente. Era eu contra o tempo e o tempo contra mim.

Lembrei-me, eis a minha salvação, tinha um extintor em casa. Os meus pensamentos encheram-se de esperança. Corri o mais depressa que pude até à sala, o lugar em que o extintor costumava estar, mas, surpreendentemente, não estava lá. Voltei ao ponto de partida, não sabia o que fazer, os meus pensamentos e emoções pareciam uma montanha-russa e o meu cérebro estava a mil.

Estava na escuridão, só via as consequências que este incêndio ia ter na minha vida, tudo o que ia perder, onde ia viver, até que se fez luz, talvez fosse esta a solução. Mesmo que não fosse, preferia acreditar que era em vez de desistir.

Ir buscar água ao rio, como é que não me lembrei disso mais cedo?

Lembrei-me que era inverno e havia uma grande probabilidade de o rio estar congelado. Mas eu, Lúcia, não desisto. Eu sei que a água do rio é a única forma de salvar esta casa que é minha, vou arriscar. Como dizia a minha avó, a esperança é a última a morrer. Peguei em dois baldes, os primeiros que vi e saí disparada pela porta em direção ao rio. O caminho não era fácil, havia neve e gelo por todo o lado, não parava de escorregar, quando mais depressa tentava ir mais devagar avançava. Corria contra o tempo.

*Segue para 38***| 10 |**

Fiz tudo o que podia para não chegar tarde ao trabalho, mas o trânsito não ajudou. Eram tantos carros pela frente que nem se via o fim da fila.

– Odeio este começo do dia! – disse, desesperada.

Avançava lentamente. Depois de uma hora no trânsito, por fim consegui libertar-me. Tique-taque, tique-taque... O tempo não esperou por mim, nem por um segundo.

Quando cheguei perto do trabalho, dei uma vista de olhos, mas não sobrava nenhum lugar restava para estacionar. Dei mais uma voltinha e afastei-me, que é algo que todos os trabalhadores no centro da cidade aprendem a fazer logo no primeiro dia de trabalho.

“Não me digam que não há lugar de estacionamento...”, pensei.

Lá acabei por ter sorte, estacionei o carro no único lugar que havia ao redor do local de trabalho, um pouco distante, mas o melhor que conseguia. Peguei no pequeno-almoço (um pão com chouriço comprado no dia anterior) que não tinha tido tempo para comer, coloquei a mala no ombro e desatei a correr. Nunca fui tão rápida, nem nos testes de velocidade do secundário.

“Ufa! Ainda bem que o chefe não me viu”, pensei.

Pousei as coisas na minha mesa de trabalho e, já cansada da correria da manhã, fui buscar um café, sempre com um pressentimento de que algo iria acontecer.

– Lúcia! Já viste as horas? – disse uma voz furiosa ao fundo do corredor.

Quem me dera que fosse apenas um sonho, mas não. Virei-me e vi o meu chefe. Tentei pensar rapidamente no que iria dizer.

– Pois... foi o trânsito.

– E da última vez? E da outra também?

Se queres que a Lúcia responda ao chefe, vai para 18

Se queres que a Lúcia atire o café para a cara do chefe, vai para 19

| 11 |

Parei o carro ao pé do trabalho, ou melhor, a quase um quilómetro e já depois de andar sei lá quanto tempo às voltas, e decidi meter-me por um atalho, uma viela entre prédios. Foi o pior que podia ter feito. Sabem aquela piada da casca de banana no chão? Pois, aconteceu-me igual, mas em vez de uma banana, pisei uma garrafa caída no chão... pés para um lado, corpo e cabeça para o outro e estatelei-me no chão.

Se queres que a Lúcia chame o 112, vai para 20

Se queres que a Lúcia volte para casa, vai para 21

| 12 |

Levantei-me, lavei-me, comi, vesti-me e saí. Assim mesmo, depressa e sem pensar nem olhar pela janela. O frio atingiu-me o corpo como o choque que se tem quando se vê alguém de quem se gosta, de forma inesperada, crua e nua, que dói e arrepia, mas que arde em forma de calor intenso. Rapidamente a minha roupa, em vez das cores que tinha acabado de ver no espelho redondo, inspirado na época vitoriana, estavam cobertas de branco, de um branco gélido, sem brilho, que poderia ser o motivo para me estragar o dia.

Dia de nevão trazia-me uma angústia gigante. Significava frio e antipatia e não cor, ficava tudo branco e mais branco, a cor feita a partir de cor nenhuma. Prefiro o preto.

Ainda meio adormecida com este choque, senti-me acordar ao sentir que algo não estava correto, não sabia se era só do sono por não ter conseguido fugir aos meus pensamentos durante a noite, que me faziam pressão na testa como um condutor segura no volante em momentos de stress e de decisão; ou porque me tinha esquecido de alguma coisa, pois sentia-me mais leve do que o costume ou seria só por me lembrar momentos angustiantes, de tensão entre amigos ou conhecidos.

Tudo o que sabia naquele momento é que tudo estava branco, logo algo mau esperava-me.

*Segue para 29***| 13 |**

Como se já não bastasse a minha miséria, o grito de fúria do universo que aparenta ser apenas direcionado a mim, e todos os eventos que me levaram ao estado em que me apresento hoje, deparei-me com ela – a rapariga que eu uma vez considerei irmã, minha melhor amiga, estava ali, na porta da minha casa com olhos esperançosos e um sorriso na cara. Que lata! Quais são as probabilidades de isto me acontecer? A pessoa que de maneira tão fácil se desfez de tudo o que lhe dei... é engraçado como as pessoas que menos esperas são sempre aquelas que acabam por te magoar mais; descartando-te como se fosses lixo.

– O que estás aqui a fazer? – perguntei.

– Lúcia? Que surpresa! Como estás? Temos de falar mais... senti a tua falta.

– Sobre o quê Maria? Eu não te devo nada, e já há muito tempo parei de esperar de algo vindo de ti, por isso poupa-me os discursos

– Lúcia, por favor, não quero discutir! Prefiro conversar...

– Eu parei de importar-me com o que tu pensas e com o que tu queres há muito tempo... faz-me um favor, poupa-me a esta conversa e sai. Se ainda tens o mínimo respeito por mim, vai-te embora, não tiveste dificuldade em fazê-lo no passado, por isso agora não será diferente. Adeus.

– Eu tenho a tua comida Lúcia... não planeie vir cá, mas estou contente por te ver. Espero que te corra tudo bem na vida.

E foi apenas nessa altura que reparei: a Maria de uniforme com o veículo de entrega de comida aos domicílios. Eu encomendei comida...

– Obrigada - agradei, pegando no saco. Um sorriso melancólico apoderou-se do meu rosto e a única coisa que me saiu da boca foi um triste “igualmente.”

FIM**| 14 |**

Ao sair da loja de conveniência mais próxima da minha casa, que abriga todos aqueles que numa manhã gelada só querem uma quente chávena de café, fisquei

o olhar no caminho à minha frente e comecei a caminhar num passo rápido, mas lento o suficiente para não me cansar. Fui andando pelas ruas enquanto ponderava entre voltar para casa ou ir para o trabalho, sabendo que já estava em risco de ser despedida. Entretanto apercebi-me que estava a andar sem rumo e nem sabia bem em que lugar estava.

O telefone tocou dentro da minha mala.

- Lúcia? Estás a ouvir? - gritou a minha mãe do outro lado. - Preciso de ajuda cá em casa, o pai está doente e duas mãos a mais são úteis neste momento, consegues cá passar?

- Mãe, passo aí de tarde. Descansa e depois ajudo-te no que for preciso - disse, desligando o telemóvel antes que ela pudesse responder.

Apanhei o vício de desligar as chamadas antes da minha mãe acabar de falar, pois estou constantemente a temer pelas suas respostas.

Decidi regressar ao trabalho, na esperança de que ainda houvesse mais um perdão para os meus atrasos diários. Cruzei-me com mil rostos diferentes. Todos estranhos, todos diferentes, até que, no meio da multidão, um rosto pareceu-me familiar. Normalmente, ficaria feliz por ver alguém amigável, o que é difícil quando essa pessoa é o meu ex-namorado, o João, que conheci no sétimo ano e que ficou comigo mais de oito anos seguidos. E ali estava, à minha frente, parado, e eu sem saber o que fazer ou dizer para cortar o clima constrangedor que pairava no ar.

- Lúcia? O que fazes aqui?

Se achas que a Lúcia deve fugir do ex-namorado, vai para 22

Se achas que a Lúcia deve conversar com ele, segue para 23

15

Estava ainda meio ensonada, olheiras carregadas que sobressaiam no meu tom de pele claro como a cal. Tinha vontade de ler o novo artigo de uma revista que acompanho semanalmente, *The Amazing*. Acabei por deixar-me levar pelo sono e não cheguei a tempo de comprá-la na minha loja habitual, pois

fecharam para almoço, então decidi ir ao quiosque mais próximo, a cerca de um quilómetro de distância. Tenho um ódio enorme por esse tal quiosque, lembra-me do meu antigo professor de história que praticamente morava ali. Pelo caminho, olhava em volta e observava como o céu estava lindo, limpo, soalheiro, tempo não muito quente. Rapidamente cheguei ao meu destino e assim que entrei pus-me na fila. Estava na quinta posição, ao pé dos expositores que um quiosque convencional costuma ter. Não pude deixar de reparar nos postais de lembranças de viagens e de me lembrar do quanto sinto falta de umas boas férias como as da minha infância; praia e gelados o dia inteiro, insolações a dar com pau, senti realmente a saudade a bater na pele enquanto passava os dedos em todos os postais afixados no expositor do quiosque. De repente, assim de relance, olhei em frente e vi o meu chefe. Alto, magro, bem vestido e tudo menos simpático e podia competir com o seu antigo professor de história para ver quem lança mais perdigotos por segundo. Sei que o meu chefe não me deve apreciar muito, pois é homem de pouco temperamento e detesta que o contrariem, o que eu adoro fazer para o irritar.

Se achas que a Lúcia deve fingir amnésia, vai para 24

Se achas que a Lúcia deve conversar com ele, segue para 25

16

Finalmente, os bombeiros chegaram.

– Pedimos imensa desculpa pelo atraso!! – começou por dizer o chefe – apanhámos imenso trânsito para cá e...

Foi interrompido por dezenas de pessoas, agora sem-teto, chocadas e furiosas, entre choro e gritos. Discretamente, uma carrinha de reportagem parou do outro lado da rua e saíram de lá duas pessoas, uma com uma câmara e outra com o microfone. E, logo de seguida, a cena repetiu-se três ou quatro vezes. Num piscar de olhos, fomos todos rodeados por jornalistas que se atropelavam uns aos outros com perguntas para nós. Eu não estava com paciência nenhuma para responder a perguntas, o meu dia já estava a ser mau o suficiente e ainda

tinha de dar uma entrevista? Foi então que me lembrei: se isto vai passar nas notícias, então é uma oportunidade que não posso perder! Juntei os vizinhos que andavam por ali e alguns repórteres e sugeri que fizéssemos uma petição para a reconstrução do prédio! Na televisão! Começaram todos a falar ao mesmo tempo, parecendo satisfeitos com a ideia. Alguns até já imaginavam como seria se todos os telespectadores assinassem a petição.

Os dias foram passando, e alguns de nós ficaram em casa de familiares ou num quarto de hotel alugado. Os dias transformaram-se em meses, e eu só rezava para que tudo corresse como planeado. E então chegou o dia pelo qual todos esperávamos há tanto tempo: tínhamos conseguido o total de assinaturas que precisávamos para o prédio ser reconstruído!! Atualmente, a construção está quase terminada. Foi uma montanha-russa de emoções que todos passámos até aqui, mas no fim, tudo acabou bem. O importante é ter sempre esperança.

FIM

| 18 |

- Bom dia, chefe, desculpe o atra...
- Não há um dia em que não digas essa frase, não é? Qual é a desculpa de hoje?
- Mal tomei o pequeno-almoço para não me atrasar e logo no dia que decidi sair cedo de casa fiquei presa no trânsito!
- Pois, a maior parte das pessoas que trabalha aqui vem de carro sabes, não és a única, mas és a única que não consegue chegar a horas.
- Eu sei, e peço desculpa...
- Sim já sei essa... deixa-me adivinhar: “Eu lamento, peço imensa desculpa e dou-lhe a minha palavra que não me irei atrasar amanhã”. Deve ser algo assim do género.
- Eu posso fazer horas extra se quiser, faço tudo para não me despedir, já tomou café? Quer que lhe traga?
- Não! Não quero cafés, não quero horas extra! Quero que chegues a horas!
- Estou a tentar não perder o meu trabalho, o chefe tem toda a razão, mas escusa de estar aqui a gritar aos meus ouvidos logo de manhã.

- O que é que disseste?
- Pedi que não gritasse comigo, porque sou humana como o senhor. – Ai, agora respondes também? Que grande lata!
- Lata? Lata nada porque me trata sempre abaixo de cão e eu fico sempre calada, agora fartei-me e digo tudo o que quero, sim!
- Hum...
- Pois hum nada, porque sabe que tenho razão e que sou a única a quem trata desta forma.
- Não te admito que insinues isso...
- Posso ir trabalhar, vai despedir-me, ou vamos continuar a falar?

Se queres que a Lúcia se despeça do emprego, segue para 30

Se queres que a Lúcia dê razão ao chefe, segue para 31

19

Não sei o que me deu, só sei que quando dei por mim, o meu café estava espalhado pela cara e pela roupa do meu chefe. Ficou furioso. Eu, incrédula com o meu gesto.

Segue para 30

20

Soltei um grito de dor assim que senti o meu corpo a colidir com o chão, dentes cerrados como se o gesto fosse, de algum modo, ajudar-me a suportar melhor a dor. No entanto, assim que senti o ardor e a aflição característica que só um osso partido traz, apercebi-me de que pouco podia fazer para atenuar a situação.

Olhei em redor, desesperada, mãos cobertas de gravilha e pedras soltas do chão agarradas desesperadamente ao lado direito do meu corpo, às minhas costelas. Virei a cabeça freneticamente, ansiosa por ver alguém, alguma coisa, algum sinal de vida que me pudesse ajudar. A rua estava vazia; ainda era muito cedo.

– Ajuda! Socorro! – gritei, mas desde o primeiro momento que duvidei que

alguém fosse ouvir. E, mesmo que ouvissem, duvido que me tivessem ajudado. Àquela hora, toda a gente vai com pressa para o trabalho, todos cegos a qualquer coisa exceto a hora a que têm, impreterivelmente, de dar entrada onde quer que seja que trabalhem.

Certamente não ajudou ter caído numa ruela estreita e de difícil acesso, um beco que, numa situação normal, me daria jeito. Era feio, precário, quase medonho, com paredes imundas e chão calcetado às três pancadas, mais gravilha do que pavimento, mas provou-se útil - era um bom atalho para o trabalho, e, normalmente, agradeceria o facto de nunca encontrar outra pessoa que soubesse deste atalho. Era silencioso, calmo. No entanto, com uma costela partida, começava a arrepender-me de pensar assim.

Lá procurei o meu telemóvel com a ajuda de um par de mãos trémulas, desajeitadas. Assim que o encontrei, digitei aqueles três números que qualquer pessoa sã deseja nunca ter de digitar: 112.

- Bom dia, o que... - Antes de o operador, um homem de voz simpática e afável, conseguir terminar a frase, interrompi. Esta era a primeira vez que ligava o 112, e o nervosismo tomou conta de mim.

- Bom dia, a-acho que tenho uma fratura na costela, caí no chão e não consigo andar... estou num beco ao lado da Rua do Bronze, no c-centro de Almada ... - relatei a situação, os nervos a toldar a minha dicção. As palavras saíam mais rápido do que eu entendia, mais tremidas do que o entendido.

- Ok, vai uma ambulância a caminho - respondeu o operador do outro lado da linha. Perguntou-me ainda se achava necessário continuar a falar, se me sentia em perigo ou risco de vida, se havia sangramento, ou se havia qualquer outro fator na minha queda que não tinha referido. Respondi que não a todas as perguntas, e desliguei a chamada quando me foi dito que podia.

Sentei-me de pernas cruzadas, encostada à mesma parede imunda que tinha evitado tocar por tanto tempo, mãos de volta à costela. Esfreguei a pele como se o gesto fosse curar o osso fraturado e, para espanto de ninguém, não curou.

Ponderei sobre este início de dia deplorável, insultei uma entidade superior

ou outra, sussurrei para mim mesma no silêncio ensurdecedor da rua, quase chorei de dor.

Lá fora, escutei o som da ambulância. Em pouco tempo, os bombeiros pegaram em mim e levaram-me para o hospital. Não foi grave, felizmente, mas nem sequer tive direito a um dia de descanso. Amanhã não vou trabalhar, isso é certo.

Vai para o 3

21

Não ia ficar ali caída. E também não ia trabalhar. Levantei-me a custo, ainda estava quente e por isso pensei que a dor não seria nada de mais e fui para casa. Precisava de descansar. Mas quando por fim estacionei o carro e comecei a subir para o meu andar, percebi que o problema tinha sido sério. Abri a porta a muito custo e deixei-me cair no chão do apartamento, cheia de dores e com muito poucas forças.

As minhas costelas já estavam a doer muito, e ali, naquele momento, percebi que não me conseguia levantar do chão, pois não tinha forças nos braços, e como eu não tinha ninguém em casa, além de mim e o meu querido cão, chamei-o. O desespero atingiu-me quando vi que não tinha o telemóvel por perto para chamar ajuda, então gritei:

– Mike! Mike!

Nem demorou 30 segundos para o grande *dobermann* chegar ao pé de mim. Apoiei-me nele e levantei-me e lá me consegui ajeitar na cadeira mais próxima. Peguei no meu telemóvel para pedir à minha mãe que me levasse até ao hospital mais próximo. Estava muito agradecido ao meu cão, pois se ele não estivesse aqui comigo não teria conseguido levantar-me, ele foi a minha ajuda naquele momento. Alcancei uns biscoitos próprios para cães dei-lhos na boca, juntamente com umas festinhas de carinho na cabeça para lhe demonstrar que estava melhor e agradecida pela ajuda. Ele lambeu-me a mão, feliz, abanando o rabo.

Lá fora, escutei o som da ambulância. Em pouco tempo, os bombeiros pegaram

em mim e levaram-me para o hospital. Não foi grave, felizmente, mas nem sequer tive direito a um dia de descanso. Amanhã não vou trabalhar, isso é certo.

Foi um péssimo dia, só espero que amanhã seja melhor.

Vai para o 3

22

Neste momento, tenho a cabeça cheia. Cheia de pensamentos inoportunos, pois o dia hoje não está a correr nada bem. Mas só consigo pensar em como devo ser azarada para encontrar logo a pessoa que menos queria encontrar na minha vida. Eu e o meu ex-namorado acabámos a nossa relação há uns tempos. Foi um final complicado, tanto para ele como para mim. As coisas acabaram mal e, como sou uma mulher crescida, prefiro não lidar com isso agora para não causar ainda mais alvoroço. Passaram nem cinco segundos desde que estou em pé, à sua frente, parada, sem reação, e provavelmente com a cara mais estranha do mundo. Cinco segundos que parecem dez minutos, tempo para sentir as obras na rua, o cheiro a gásóleo dos carros que passam e que chega a entupir as narinas de qualquer um, as pessoas a correrem para chamar o primeiro táxi que vêm à sua frente. Enfim, decidi agir de forma impulsiva, como sempre acabo por fazer na minha vida, e fiz o que jamais deveria ter feito, mas que ainda me pareceu ser o mais certo naquela altura. Dei meia-volta e comecei a acelerar o passo. Num instante, estava a correr na direção contrária do meu ex-namorado. O que não fazia o mínimo sentido, visto que o meu caminho não era para ali. Nem conheço esta parte da cidade, mas o medo de expor as minhas fragilidades a alguém e de lidar com as minhas responsabilidades era maior do que o medo de me perder entre a multidão num local desconhecido.

– Lúcia? O que se passa? Explica-me. Para que possamos resolver! – gritou. Só conseguia ouvir a sua voz ainda que o barulho dos carros fosse ensurdecedor.

Notei que a sua voz estava ofegante, que vinha atrás de mim. Corri o máximo que consegui, mas nunca deixava de ouvir a mesma voz a implorar-me para parar. Pelo menos não me odeia. Já é alguma coisa, acho eu. Puxei rapidamente

do telemóvel, tarefa difícil enquanto se está a correr. Marquei.

– Mãe? Estou? Consegues ouvir-me? Podes apanhar-me na avenida principal? Estou neste momen...

É desta forma que aceito a derrota. Tentei correr, mas esqueci-me de que nunca fui boa no que toca a atividades físicas. Dou um passo em falso, e em seguida já me encontro no chão. Não sou médica, mas se tivesse de adivinhar, diria que torci o pé. Ou parti, não sei, as dores são enormes e neste momento só me quero enterrar debaixo de um buraco.

– Mãe? Ainda me ouves? Acho que torci o pé...

FIM

| 23 |

Quando vi o meu namorado, dei por mim a caminhar na sua direção. Era algo involuntário, só podia ser dos nervos

– Lúcia! Não estava à espera de ver-te aqui. – disse-me.

– Olá, João. Que surpresa! Como tens passado?

– Mais ou menos, a vida não tem sido fácil... Mas acho que vai melhorar – respondeu. – E tu Lúcia, como estás?

Acalmei a voz, sorri-lhe e disse:

– Olha, melhor. Despedi-me daquele emprego miserável. Agora estou num emprego onde realmente me valorizam. Fui a melhor empregada do mês acreditas?! E só lá estou há quatro meses.

– Uau, isso é incrível. Parabéns! Sabes, eu sinto falta dos nossos dias, aí sim era feliz, na altura não percebia, mas ter-te na minha vida foi a melhor coisa que me aconteceu desde sempre. Tenho saudades do teu riso, da tua forma de ser, e mesmo de quando vinhas chateada do trabalho. Fazias cá uma cara... Mas mesmo assim conseguias rir-te das minhas piadas sem graça que fazia apenas para te alegrar e melhorar o teu dia. Arrependo-me profundamente de ter feito as coisas da forma que diz, se pudesse mudar, mudava. Pronto estava dito, foi como se tirassem um avião de cima de mim.

Despedimo-nos. Estava na altura de voltar para o trabalho. Estava super atrasada!

Segue para 10

| 24 |

Entrei em desespero, ao ver o meu chefe no mesmo local que eu, ao meu lado a ver revistas, só que, entretanto, ele não me tinha visto, e então peguei numa revista qualquer, e escondi cara e fui para perto do balcão da caixa. Estávamos num lugar fechado, com poucas pessoas, e que estranhei ver o meu chefe ali dentro.

Não sabia o que fazer, pois não poderia perguntar-lhe o que fazia ali, pois eu tinha faltado ao trabalho, apenas queria fugir dali e ir para casa a correr para não ter de encarar a situação.

Ele começou a andar e eu já estava a ficar nervosa e não ia conseguir sair dali sem que se apercebesse da minha presença. A única coisa que me veio à cabeça foi fingir amnésia, não sei porquê, mas pensei logo nisso, e também não saberia se ia resultar.

Então, como previsto, e depois de comprar a minha revista, eu passei por ele como se se não o reconhecesse e, por sorte, ele não me viu. Fiquei aliviada! O pior foi quando o encontrei no trabalho no dia a seguir.

Segue para 10

| 25 |

Tento desviar o olhar o mais rápido possível para evitar que me veja e me repreenda por não estar a trabalhar, mas dei de caras com ele.

– O que é que andas a fazer por aqui Lúcia? Não achas que devias estar no escritório a trabalhar? Depois reclamas no final do mês! – disse, intercalando as palavras com vários salpicos.

Estou farta de todo o seu egoísmo e de o ouvir a humilhar-me. Não me passava mais nada pela cabeça senão mandar-lhe para o mais longe possível, então

respondi de maneira mais razoável e bem próximo da sua cara para que este sinta o que eu sinto ao falar com ele:

– Terças são a minha folga, mas prefiro que passe a ser a semana inteira! – Disse, e saí com a maior das calmas. Ele ficou com cara de parvo, sem acreditar no que acabara de ouvir. Nunca me sentira tão livre, parecia que tinha acabado de renascer.

FIM

| 29 |

Logo após sair de casa, no outro lado da rua onde moro há vários anos, estava um rosto familiar, não reconheci de imediato de onde aquele rosto simpático me era familiar. A pessoa em questão passava perto de mim, porém quis aproximar-me para saber quem era e de onde o reconhecia.

Por incrível que pareça essa pessoa era a Helena, a minha ex-melhor amiga. Por certos motivos afastámo-nos uma da outra, mas, como já havia passado tanto tempo desde a última vez que tínhamos falado, pensei que não haveria problema em chamá-la para conversar e quem sabe esclarecer o que tinha acontecido entre nós para nos afastarmos tão repentinamente.

Naquele dia de tanta neve tornava-se bastante difícil andar depressa, pois a cada passo que dava as minhas botas cor-de-rosa afundavam-se cada vez mais na neve fofa e branca, mas, mesmo assim, tentei alcançá-la e gritei pelo seu nome numa tentativa bem-sucedida de chamar a sua atenção. Como eu já supunha, a Helena olhou para trás com uma expressão de confusão e alguma admiração, mas reconheceu-me logo.

Correu tudo bem e conversámos durante bastante tempo, tanto que nem dei pelas horas passarem e de tal forma que até me esqueci qual era o propósito com que tinha saído de casa, pois o tempo que passei com a Helena foi um momento bom que recordarei com carinho e em memória da nossa passada amizade.

FIM

| 30 |

Antes mesmo que o meu chefe dissesse qualquer coisa, virei-lhe as costas, arrumei as minhas coisas da minha mesa e fui-me embora. Não queria estar ali nem mais um minuto.

Vai para 39

| 31 |

Se achas que a Lúcia decide vingar-se do chefe, vai para 34

Se achas que a Lúcia se deve despedir, segue para 35

| 34 |

– Sim, não volta a acontecer... – disse, mas no fundo eu queria impor-me, falar de todo o trabalho que já fiz pela empresa e mostrar o quanto eu merecia o atributo de empregada do mês. – Posso fazer-lhe um chá como pedido de desculpas?

– Está bem, mas despacha-te! – respondeu, impaciente. Virou-me as costas e foi para o escritório e eu, que remédio, fui até à cafetaria.

Enquanto fazia o chá da “majestade” só me vinham ideias de vingança “Talvez eu devesse livrar-me dele”, pensei. “Lúcia, estás louca?”. Era como se fôssemos duas pessoas dentro da minha cabeça. “Mas é o que ele merece!”.

A única coisa que sentia era uma enorme vontade de vingança e o cheiro a chá. Sem pensar de novo peguei nos comprimidos que tinha na mala e, mesmo tendo as mãos a tremer, enchi o chá de comprimidos.

Nem me lembro de ter andado até ao escritório, mas quando dei por mim já estava à porta. Quis raciocinar, mas só conseguia ouvir uma voz na minha cabeça a dizer “Ele merece!”. Respirei fundo, um silêncio enorme invadiu-me e abri a porta.

– Entra! – disse, com o seu típico tom resmungão, e começou a refilar com alguma coisa enquanto eu entrava. Enquanto ainda pousava o tabuleiro com as canecas de chá, ele apressou-se a retirar a sua caneca e a dar um belo golo e logo começou a tossir agarrado à garganta.

– Sabes uma coisa engraçada? Prefiro passar anos presa a passar esses mesmos anos a ser escrava de um machista que não valoriza o meu trabalho – murmurei-lhe enquanto se contorcia no chão do seu escritório. – A maioria das mulheres nesta situação simplesmente se despediriam, mas eu... Bem eu nunca deixaria alguém como tu deixar ganhar.

ANOS MAIS TARDE

– A empresa está muito orgulhosa com o teu trabalho, Clara!

– Obrigada, Lúcia, desde que tomaste conta desta empresa sinto que o meu trabalho é tão mais valorizado. Mesmo assim foi tão chocante quando ouvimos que o nosso antigo chefe se suicidou deixando nos uma carta.

– Pois foi! – disse eu pondo a mão no ombro da Clara para a consolar. Ai, Clara! Se soubesse, se soubesses...

| 35 |

Queria impor-me, falar de todo o trabalho que já tinha feito pela empresa e mostrar o quanto eu merecia o atributo de empregada do mês. Mas porque é que deveria aceitar o que ele dizia? Porque se não aceitar perco emprego, claro. Mas será que vale a pena aguentar esta desigualdade toda só por dinheiro?

Continuei a trabalhar durante algum tempo, mas todas as vezes chegava a casa e atirava-me para o sofá. Sentia-me tão cansada e com um peso enorme na minha consciência porque não estava a reivindicar os meus direitos e os de outras mulheres. Ao ver-me no espelho da casa de banho não via sorriso nenhum, sentia como se não tivesse sentimentos ou emoções. Dobrava-me sobre o lavatório e perguntava-me o que teria acontecido de errado, o que fizera eu para me sentir assim. Perguntava-me se era feliz, se tinha de mudar alguma coisa ou se era o meu trabalho que me estava a afetar assim. De cabeça agachada fixei os olhos nas rachaduras do lavatório que iam ficando cada vez maiores e maiores e maiores... Até piscar os olhos e ver que nunca existiram rachaduras.

– Eu sei o que o fazer!

Vai para 39

| 38 |

Só quando cheguei ao rio me reparei que não tinha um balde e por esse motivo não iria conseguir água, e, pior que isso, era inverno e o rio estava congelado. Saltei para cima do rio e pus-me a bater e a pular naquele espelho gelado até que por fim o gelo quebrou. Quebrou e eu caí com ele e rapidamente, sem que pudesse reagir, afundei-me e senti-me gelar dentro daquele rio escuro e, subitamente, silencioso. “Quem me vai ajudar?”, pensei, mas depressa percebi que não havia grande esperança para mim e conformei-me com a desgraça que o destino me tinha trazido: “Ninguém vai sentir a minha falta... é o meu fim, é o meu fim”, pensei.

O silêncio era absoluto, só se distinguia um ligeiro borbulhar e, lá muito ao longe, um som repetitivo, uma espécie de apito. Seriam as ambulâncias? Os carros de bombeiros? O som continuava, cada vez mais perto, cada vez mais alto. Parecia-me reconhecê-lo... sim, já sabia o que era! Abri os olhos com muita dificuldade, estendi o braço e desliguei o meu despertador. Que alívio!

FIM

| 39 |

ANOS MAIS TARDE

“Eu sabia o que tinha de fazer: mudar de vida. Também sabia que não podia ser desvalorizada no meu trabalho por isso despedi-me, fui viajar para conhecer mais, fui conhecer-me, ser feliz. E encontrei a minha verdadeira paixão: a escrita. Temos de ser valorizados por quem nós somos e, mais importante, valorizarmo-nos.”

Acabei de reler e fechei o meu livro autobiográfico. Olhei para as várias pessoas na minha frente a aplaudirem-me. Senti uma felicidade a invadir o meu coração. Sem padrões que me desvalorizam, sem sensações de desespero. Agora sou só eu, o meu cachorrinho e o mundo para percorrer.

Enfim feliz...

FIM

**ESCOLA SECUNDÁRIA EMÍDIO NAVARRO
ALMADA**

Professora que motivou e acompanhou o grupo de alunos, resolvendo todas as questões que foram surgindo e que forneceu sugestões

e orientou o seu trabalho:
Maria da Conceição Costa.

Alunos do 9ºA ano

Carlos Antunes
Guilherme Fernandes
Guilherme Santos
Maria Borges
Miguel Barreto

Alunos do 12º ano CSE e LH

Catarina Martins
Cátia Vila Verde
Cristina Lin
João Dias
Leonor Pinto
Madalena Bergano
Clara Rodrigues
Inês Xavier
Martim Miranda
Pedro Teixeira

ESCOLA SECUNDÁRIA CACILHAS TEJO

Docentes:

Alexandra Pedro, *Professora de Português*
Lurdes Gomes, *Professora Bibliotecária*.

**Turmas do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades,
do 10.º ano**

Turma D

Ana Cláudia Morgado
Artur de Beja
Bianca Mestre
Elaine Carvalho
Gonçalo Lamy
Laura Lisboa
Margarida Silva
Mariana Pinto
Mártina Martins
Sara Monteiro
Sara Pereira
Vitória Morais

Turma E

Ana Niz

Turma G

Andreia Godoroja
Laura Silva
Manuel Mendes
Marta Confraria
Nicole Duque

Criação, Paginação e Impressão :

CDC - CÓDIGO DE CORES

*Rua Professor Carlos Teixeira, n.º 3A
1600-608 Telheiras, Lisboa*



readon.portugal@mail-rbe.org



www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html

ISBN 978-989-54995-4-0



9 789895 499540

